



Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino
Básico

***O Projeto Arco-Íris:* o que pensam as crianças sobre os professores**

Mestranda: Ana Filipa Paias Gomes

Orientadora: Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos
Gonçalves

Porto
junho 2017

Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti para a obtenção de grau de Mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos Gonçalves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti
Porto
2017

RESUMO

O presente relatório de estágio foi elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da Doutora Daniela Gonçalves, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti.

Este percurso investigativo tem como finalidade perquirir a qualidade na docência em contexto de 1.º Ciclo, mais especificamente, a qualidade na docência aos olhos das crianças e dos docentes envolvidos no *projeto Arco-Íris* da associação *Ajudaris*, indagando quais as características que definem um bom docente, ou seja, quais as qualidades pressupostas para um bom professor, implicando a promoção do sucesso, cidadania e valores nos seus alunos e confrontando as opiniões dos docentes e dos alunos associados ao projeto.

Neste sentido, foram adotados diferentes procedimentos metodológicos para formular o presente relatório: revisão bibliográfica e, ainda, no que diz respeito à recolha de dados, foi aplicada uma entrevista aos professores envolvidos no projeto *Arco-Íris* e realizado um *focus group* com os alunos, bem como a análise documental de diferentes documentos.

Os principais resultados apontam para uma definição clara relativamente ao que é ser bom professor, apesar da existência de alguns constrangimentos tais como: o elevado número de alunos por sala, a legislação e a falta de tempo para acompanhar o aluno. De salientar a importância do tempo que cada docente dedica ao aluno; um tempo de acompanhamento, preocupação e envolvimento na vida pessoal e social do estudante. Olhar para o aluno e perceber aquilo de que este necessita é a definição mais clara do que é ser um bom professor.

PALAVRAS-CHAVE: 1.º Ciclo do Ensino Básico; Projeto *Arco-Íris*; Associação *Ajudaris*; Professor; Alunos; Qualidade; Sucesso; Cidadania; Valores.

ABSTRACT

The present internship report was developed in the context of the Master's Pre-school and Primary Education, under the leadership of Dr. Daniela Gonçalves, from Paula Frassinetti College Education.

This investigative journey has its purpose in ascertain the teaching quality in the field of Primary Education, more specifically from the eyes of the children and the teachers involved in the "*Arco-Íris*" project from the "*Ajudaris*" Association.

To make it possible, it was necessary to seek for the features which define a good teacher. In other words, the qualities inherent in a great teacher, which combines the promotion of success, citizenship and values in its students, confronting the opinions and ideas of all the persons involved in this project.

To this end, were adopted different methodological procedures in order to formulate the present report: bibliographic review and also, in which concerns the data collection, it was applied an interview to the teachers involved in "*Arco-Íris*" project. It was also implemented a focus group with the students, as well as a documental analysis of all supporting documents.

The main results points to a clear definition regarding on what is considered to be a good teacher, despite the existence of some constraints as: an high number of pupils per classroom, the legislation and the lack of time to accompany them.

It is worth emphasising the importance of the time which each teacher dedicates to his student - a time of accompaniment, concernment and involvement in the personal and social life of the children.

To look beyond the student and realize his needs is the clearest definition of a great teacher.

KEYWORDS: Primary Education; *Arco-Íris* project; *Ajudaris* association; Teacher; Student; Quality; Success; Citizenship; Values.

AGRADECIMENTOS

Para que a concretização deste sonho fosse possível, a colaboração e incentivos de um conjunto de pessoas foram indispensáveis e, como tal, a elas devo muito daquilo que hoje sou. Chegar a esta etapa da minha vida não teria sido tão fácil nem tão gratificante sem o seu apoio, por isso aqui fica o meu mais sincero agradecimento por cada minuto que dispensaram das suas vidas para me dar um pouco do seu conforto, ajuda e alento!

Agradeço à minha mãe por me ter feito ver, desde nova, que a vida requer alguma luta e cabe-nos somente a nós procurar as armas necessárias, por isso, obrigada pelo acompanhamento incansável, pelas palavras amigas, pelos conselhos, pela cumplicidade e pela força que me transmitiu quando a pressão tentava falar mais alto.

À Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, o meu obrigada pelas aprendizagens e momentos partilhados através de todos os docentes, não docentes e colegas.

Agradeço à minha orientadora, Daniela Gonçalves, por ter sido incansável no apoio prestado e por ser alguém que admiro muito e que sempre foi, para mim, um exemplo a seguir.

À educadora cooperante Ana Paula Morgado e auxiliar Sílvia Neves, o meu obrigada pela ajuda e incentivo a ser e fazer cada vez melhor e a nunca baixar os braços perante um desafio, por mais duro que este fosse. Ao professor cooperante Paulo Gomes, o meu agradecimento pela confiança depositada desde o primeiro dia e por ter sido um exemplo a seguir pela sua capacidade de ensinar com amor e paixão!

Agradeço também a todas as crianças e alunos que fizeram parte deste meu percurso e que, com o seu mimo ou disparates, me fizeram estar certa da minha profissão.

Aos meus irmãos, o meu mais sincero obrigada pelas brincadeiras, carinho, compreensão e dedicação nos momentos de maior impaciência. Ao meu pai por me ter feito crescer e lutar pelos meus objetivos.

Ao meu avô, o meu obrigada pelos sábios conselhos, pelo orgulho imenso que sempre demonstrou e pelo gosto em acompanhar a minha educação e à minha avó o meu agradecimento por, mesmo tendo partido a meio da minha jornada, nunca me ter abandonado e ser o meu anjo da guarda.

Um obrigada especial ao Tiago Pires, pela pessoa maravilhosa que sempre foi e por lutar comigo pelos meus objetivos como se fossem seus, demonstrando sempre

orgulho em cada patamar alcançado e expectativas cada vez mais altas nos que ainda poderia alcançar.

À Tânia Soares, pela amizade, carinho, acompanhamento, incentivo, exemplo e experiências partilhadas. À Cristina e José Soares, pelo apoio e alento e por terem colaborado nos bons e maus momentos da minha vida.

À Rita Rodrigues, por me acompanhar há 14 anos e ter sido uma irmã e um ombro amigo em qualquer circunstância vivida.

Queria, por último, deixar um agradecimento especial a algumas pessoas que me acompanharam ao longo destes 5 anos: a toda a equipa do restaurante Varanda da Barra, por sempre me ter ensinado o melhor e me ter feito crescer; às minhas colegas de curso Filipa Martins, Carina Moreira, Inês Vitorino e Leonor Camelo por termos sido um amparo umas para com as outras; aos amigos Filipa Moreira, Rui Faria e Artur Oliveira por todos os momentos de diversão que me proporcionaram; às minhas afilhadas Rosa Saldanha, Raquel Albuquerque e Mariana Costa por me terem incentivado a fazer sempre melhor e, por fim, aos amigos Rita Moura, Rita Cunha, Sara Paiva, Rita Duarte, César Pereira, Gonçalo Ribeiro, Clara Leite e Rita Ferreira, por partilharmos uma grande amizade desde há 5 anos.

A esta grande família deixo o meu mais sincero agradecimento pois, sem eles, este caminho não teria sido percorrido com o mesmo entusiasmo!

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	9
I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	11
1. Qualidade na docência	11
1.1. Perfil Geral do Professor	14
1.2. Perfil do Bom Professor	16
1.3. Sucesso Educativo.....	20
2. Projetos e Programas	23
2.1. Fundação Jesuítas Educação	23
2.2. Projeto <i>Eres</i>	25
2.3. Escola da Ponte.....	27
2.3.1. Contextualização histórica.....	27
2.3.2. Organização Pedagógica.....	28
II. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO.....	30
1. Tipo de estudo	30
2. Fases da Investigação	30
3. Contexto da Investigação.....	31
3.1. Associação <i>Ajudaris</i>	32
3.1.1. Os Projetos	33
i. <i>S.O.S. Fome</i>	33
ii. <i>Idade d'Ouro</i>	33
iii. <i>Crescer Com Histórias</i>	34
iv. <i>ComPartilhArte</i>	35
v. <i>Clube Arco – Íris</i>	36
3.1.2. Cidadania e Valores	37
4. Instrumentos de Recolha de Dados	39
4.1. <i>Focus Group</i>	39
4.1.1. Participantes.....	40
4.2. Inquérito por Entrevista	41
4.2.1. Participantes.....	41
5. Apresentação dos Dados da Investigação	42
5.1. Resultados do <i>Focus Group</i>	42
5.2. Resultados das Entrevistas	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	51
Webgrafia	54
Legislação	54

Anexos 55

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma das Fases de Investigação.....	31
Tabela 2 - Participantes no Focus Group	40

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Oficinas do projeto Eres.....	26
Figura 2 - Aula na Escola da Ponte.....	28
Figura 3 - Caixas do Projeto ComPartilhArte.....	36

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I	Guião do <i>Focus Group</i>
Anexo II	Guião da Entrevista
Anexo III	Entrevista aplicada ao Professor M.F.
Anexo IV	Entrevista aplicada ao Professor C.F.
Anexo V	Entrevista aplicada à Professora I.M.

LISTA DE ABREVIATURAS

ATL – Atividades de Tempos Livres

CEB – Ciclo do Ensino Básico

EB – Ensino Básico

ME – Ministério da Educação

SAF – Salas de Aula do Futuro

INTRODUÇÃO

*O segredo da Felicidade no trabalho
está contido numa palavra: Excelência.
Saber como fazer bem alguma coisa é desfrutá-la.*
Pearl Buck

O presente relatório de estágio intitulado “O Projeto Arco-Íris – o que pensam as crianças sobre os professores”, surge no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico (CEB) da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, sob a orientação da doutora Daniela Gonçalves.

Este relatório de estágio versa essencialmente acerca da Qualidade na Docência em Contexto de 1.º CEB, compreendendo quais as características que definem um bom, incidindo a investigação no âmbito do *Projeto Arco-Íris da Associação Ajudaris*.

Ao longo da vida, passamos pelas práticas de diversos docentes e vamos, claramente, formalizando a nossa própria conceitualização de Qualidade na Docência, consoante a nossa experiência enquanto estudantes. Para cada indivíduo, existe uma definição de bom (ou mau) docente, mas raramente existe uma introspeção acerca desta temática e de quais os fatores que fazem de um professor, um bom professor e de outro, um mau professor. Mas afinal... *Que motivo me leva a considerar este professor um mau docente e não me sentir cativado pelas suas aulas?*

Nos dias de hoje, enquanto docente em formação, é possível, não só construir uma definição ainda mais concreta acerca desta temática, como ter em mãos a capacidade de a transformar e investindo, desde o momento de formação, num exercício profissional com qualidade.

O relatório de estágio apresentado está organizado em capítulos, sendo o primeiro referente ao enquadramento teórico no qual são confrontadas teorias públicas respeitantes ao perfil geral do professor e perfil de um bom professor, ao sucesso educativo e ainda a alguns projetos/programas que promovem a qualidade na docência e que se apresentam como estratégias inovadoras, sendo eles: Educação Jesuíta, Projeto *Eres* e Escola da Ponte.

Num segundo capítulo, surge o enquadramento metodológico que se encontra dividido em subcapítulos, sendo o primeiro referente ao tipo de estudo, o segundo às fases da investigação, no qual é apresentado um cronograma com as várias fases desta investigação; o terceiro ao contexto de investigação, um quarto capítulo relativo aos instrumentos de recolha de dados e ainda um quinto capítulo referente à apresentação dos dados de investigação.

Para terminar, são apresentadas as considerações finais, onde surgem as conclusões a que esses mesmos resultados permitiram advir, bem como as referências bibliográficas que sustentam toda a investigação versada neste relatório.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

Ao longo deste capítulo, serão abordadas diversas teorias públicas que irão sustentar o tema deste relatório e influenciarão a prática profissional futuramente desenvolvida. Deste modo, o presente enquadramento teórico inicia-se com uma abordagem à qualidade na docência aferindo qual deve ser o perfil de um professor.

1. Qualidade na docência

*Não aceiteis o que é de hábito como coisa natural,
pois em tempo de desordem sangrenta,
de confusão organizada,
de arbitrariedade consciente,
de humanidade desumanizada,
nada deve parecer natural
nada deve parecer impossível de mudar.*
Bertold Brecht

“De acordo com o pensador humanista Erasmo «a maior esperança de uma nação está em ensinar bem a sua juventude” (Estanqueiro, 2012, p.9).

Pensar em qualidade na docência é pensar em como um ser humano se pode transformar num docente capaz de motivar e incentivar qualquer aluno por ele orientado e acreditar piamente que nada nem ninguém é impossível de mudar uma vez que “a qualidade da educação depende de variados factores, entre os quais se destacam o nosso desenvolvimento social e cultural, o sistema educativo, os recursos investidos, a liderança das escolas e a competência (...) dos professores” (Estanqueiro, 2012, p.9).

Um docente deve passar por um processo de formação de qualidade, deve ser exigente, rigoroso e entusiasta. Só deste modo conseguirá incutir nos seus discípulos capacidades fundamentais para sobreviver e sobressair envolto em tantos outros. Deve ainda assumir o seu compromisso profissional desde o primeiro dia de formação. Esta é uma profissão que não pode ser colocada de parte, como tal, é necessário que um docente se entregue para conseguir atingir os seus objetivos. Uma vez professor, professor sempre.

Uma questão com que a sociedade se depara, nomeadamente atuais ou futuros docentes, é com a incerteza acerca de como é possível obter-se a qualidade na docência e com quais os fatores em que nos baseamos para afirmar que um professor é bom e outro não. Para além da formação inicial, o docente deve dar continuidade à sua formação, pois esta vai sofrendo alterações ao longo do tempo e “o impacto dos novos desenvolvimentos verificados na ciência da aprendizagem tem implicado aprender a ensinar de forma diferente daquela como foram ensinados” (Hargreaves,

2003, p. 46), a aprendizagem é sistemática ao longo da vida e, como tal, este deve procurar manter-se sempre atualizado dos conteúdos a lecionar, bem como das evoluções que a sociedade em que se insere vai sofrendo.

É fulcral pesquisar, investigar, refletir, ler acerca dos assuntos, de modo a haver uma constante atualização de conhecimento e metodologias de ensino-aprendizagem. Os professores devem ter em conta a sua investigação, pois é a partir desta finalidade que podem “criar conhecimento que possa melhorar a vida em sociedade e ajudar o trabalho” dos seus alunos (Alarcão, 2001, p.135).

A docência nunca poderá ser algo fechado, já que a sociedade “que está sempre a mudar constantemente e que se cria a si própria, o conhecimento é um recurso flexível, fluído, sempre em expansão e em mudança” (Hargreaves, 2003, p.33). Assim sendo, são cada vez mais tempos de avanços, de novidades e de reconstrução de conhecimentos e é essencialmente por este motivo que o docente deve atualizar a sua prática pedagógica. Posto isto, os docentes devem direcionar a sua prática para os interesses dos alunos. Esta passa por ser uma competência fulcral do bom docente que não é tarefa fácil pois, tal como defendem Fullan & Hangreaves (citado por Flores, 2014) “ensinar será sempre um trabalho exaustivo, os professores estão envolvidos em centenas de interações, em circunstâncias potencialmente geradoras de tensão” (Fullan & Hangreaves citado por Flores & Coutinho, 2014, p.147).

Qualidade na docência e docente com qualidade são fatores constituintes e promotores de uma prática pedagógica de sucesso.

Muito são os fatores que intervêm na docência com qualidade, tais como: a equipa de trabalho; os meios disponíveis que o docente terá à sua disposição; as infraestruturas; o meio ambiente; entre outros.

No que respeita à equipa de trabalho, é necessário que a equipa de docentes onde este exerça, seja unida e se complementem e cooperem para o bem-estar do grupo; deverá ser, portanto, uma equipa com qualidade, o que implica assumir um compromisso e ter sempre em mente que existem alunos que necessitam de uma orientação mais intensiva.

Como referido anteriormente, princípios como o da procura constante devem estar patentes nestas equipas, pois só assim conseguirão alcançar as metas a que se comprometeram. Uma boa reflexão acerca deste tema, permite perceber que a qualidade na docência nunca irá atingir o seu ponto máximo pois este é infundável, existirão sempre aspetos a melhorar, contudo, devemos sim, elevar a fasquia e esforçarmo-nos por colocar as metas além daquilo que esperamos.

Outro dos fatores mencionados são os meios disponíveis que o docente tem à sua disposição. Estes interferem sempre na prática pedagógica preconizada. Se um

docente tiver à sua disposição meios como um computador com internet, projetores, colunas de som, é certo que as suas aulas serão mais motivadoras, pois os alunos gostam sempre de algo que seja diferente e lhes capte a atenção.

Relativamente às infraestruturas, são outro ponto fulcral para um ensino de qualidade. Uma sala apelativa, com trabalhos realizados pelos alunos e informações que apoiem as suas aprendizagens é mais motivadora do que uma sala fria e desprovida de materiais com que os alunos se sintam familiarizados e vejam a sala como a sua sala.

Um dos projetos que tem vindo a ser implementado em algumas escolas portuguesas é a criação das SAF (Salas de Aula do Futuro). Estas salas propiciam um ambiente de aprendizagem que visa, fundamentalmente, o melhoramento da autonomia dos alunos uma vez que as "SAF têm vindo a ser inauguradas em diversas escolas portuguesas e pretendem constituir-se como laboratórios de aprendizagem, espaços de inovação, para professores e alunos, propícios à utilização de novas metodologias" (Direção Geral de Educação [Ambientes Educativos Inovadores]).

Por último, e não menos importante, é o local onde o docente está inserido. Se o docente gosta do seu local de trabalho, se sente acolhido pela equipa, se tem boa relação com aqueles que o rodeiam, a sua prática será certamente exercida de forma bastante mais motivadora pois, como refere o professor Jorge Rio Cardoso (2013, p.192),

aquilo que se quer que exista numa sala de aula é organização, que esta esteja organizada e tenha regras (cada um sabe o que pode ou não pode fazer); bom ambiente, propício ao trabalho, ou seja, deve imperar a calma e o silêncio e, também respeito, todos são respeitados, independentemente de poderem ser diferentes de vários pontos de vista. Todos são bem tratados e têm sempre hipótese de aprender.

Em suma, todos estes fatores intervêm numa educação de qualidade que está sobretudo dependente do facto de ser, ou não, lecionada por um docente com qualidade pois "cada cidadão deve apropriar-se de um conjunto de saberes básicos e estruturantes que, mutuamente comprometidos, se tornam condição *sine qua non* para a sua realização pessoal e para o exercício pleno da sua cidadania" (Sá- Chaves, 2014, p.82).

Seguidamente, será aprofundado o perfil geral do professor.

1.1. Perfil Geral do Professor

*Só é um bom ensinante
Quem for um bom aprendente
Quem não conseguir ser um bom aprendente
Não será um bom ensinante.*
Mário Sérgio Cortella

Relativamente ao perfil específico do professor, segundo o Decreto-lei nº241/2001 de 30 de agosto, defende que o docente desenvolve o respetivo currículo, no contexto de uma escola inclusiva, mobilizando e integrando os conhecimentos científicos das áreas que o fundamentam e as competências necessárias à promoção da aprendizagem dos alunos (Ministério da Educação (ME), 2001).

Segundo Cortella (2017), o docente deve ser bom em aprender, ser humilde pedagogicamente e nunca se dar como completo, pois um profissional de educação nunca pode parar de aprender e tem ainda a responsabilidade acrescida de se adequar ao mundo e às realidades em que este se encontra inserido.

Se não tiver uma atitude de aprendizagem mútua, acreditando que aprenderá com o aluno e que este aprenderá consigo, não haverá humildade pedagógica e o contrário também ocorre, sem humildade pedagógica não há partilha de saberes. Somos seres dinâmicos e devemos ter sempre uma postura flexível quanto ao ambiente em que vivemos. Exibir comportamentos arrogantes dentro do círculo escolar vem unicamente revelar a falta de preparação que se tem para a função. Não se pensa em construir um futuro com comportamentos rígidos, a construção do conhecimento é um caminho que se percorre em conjunto e, tanto aprender como ensinar, são modos de agregar uma vivência rica em experiências, fortalecendo assim, a relação aluno-professor.

O professor deve ser um dos principais responsáveis pela melhoria de condições de aprendizagem e o promotor de um bom ambiente educativo, favorável à aprendizagem dos seus alunos (Ministério da Educação e da Ciência, Decreto-Lei nº51/2012 de 5 de setembro, artigo 41º).

A questão central que é hoje colocada não consiste tanto em saber se o

professor conta, mas, dada a relevância dos bons professores, medida por exemplo pela elevada variação nos efeitos do seu ensino sobre os resultados dos alunos, em saber como conseguir que um maior número de professores tenha efeitos mais positivos sobre as aprendizagens de todos os alunos (Gauthier, Bissonnette, Richard, 2013, p.14)

A etimologia do termo educação provém do latim *educere* que significa, extrair, trazer à luz a riqueza da pessoa, mais *educare* o que significa nutrir, alimentar para que a pessoa possa ser.

Muitos autores definem educação a partir de diferentes perspectivas/premissas. Para Dewey, a educação “é uma constante reorganização ou reconstrução da experiência” (Cabanas, 2002, p.57); para Freire (1996), a educação deve assumir uma concepção libertadora ou problematizadora, com o intuito de estimular a criatividade dos educandos, favorecendo o diálogo e a aprendizagem efetiva quer do formando, quer do formador. Educar é “criar, ensinar e formar” (Reboul, 2000, p.18) e, para que haja uma harmonia saudável entre estas três vertentes da educação, é fundamental que o professor dê, à criança, espaço e oportunidade de ser ela mesma a produtora do seu próprio saber uma vez que, como defende Ponte (2008), é possível concluir que as crianças são construtoras do seu próprio conhecimento, pois “todos recebem uns dos outros e todos dão alguma coisa uns aos outros” (Ponte, 2008, p.175).

O professor deve ter o cuidado de atender a cada um dos seus alunos como um único, adaptando a sua prática ao aluno em questão.

Adorei a minha professora do 1º ciclo. Era muito alegre e muito paciente. Durante quatro anos deu atenção a todos os alunos e apoiou aqueles que tinham mais dificuldades (...) Esta professora conseguiu ver características positivas em cada aluno (...) Todos os alunos tinham qualquer coisa de diferente, que ela elogiava em frente dos pais (...) Conheci outros professores bons, mas a professora do 1º ciclo foi especial e ficará na minha memória para sempre (Ana citado por Estanqueiro, 2012, p. 12).

O professor titular de turma, enquanto coordenador do plano de trabalho da turma, é o principal responsável pela “adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo” (Ministério da Educação e da Ciência., Decreto-Lei nº 51/2012 de 5 de Setembro, Artigo 41º).

Segundo Lopes & Silva (2010, p.135) “uma estratégia de ensino corresponde a um conjunto de acções do professor orientadas para alcançar determinados objectivos de aprendizagem que se têm em vista”. Para tal, é necessário que um professor se implique numa procura constante e reforce as suas competências nos vários domínios para que, deste modo, possa captar o mais possível do mundo e partilhar os seus conhecimentos com sucessivas gerações de alunos sendo assim capaz de influenciar a dinâmica da aprendizagem.

Esta constante atualização, aliada à criatividade, poderá fazer toda a diferença na qualidade do seu trabalho sendo que “não é possível melhorar a profissionalidade docente sem um compromisso efetivo e um envolvimento permanente dos professores na investigação das suas práticas curriculares, em particular na sala de aula.” (Morgado, 2012, p. 52) pois “se um professor gosta de ensinar, poderá despertar, mais facilmente, o gosto de aprender” (Estanqueiro, 2012, p.31).

1.2. Perfil do Bom Professor

*Que nada nos limite.
Que nada nos defina.
Que nada nos sujeite.
Que a liberdade seja a nossa própria substância.
Simone de Beauvoir*

Definir um bom e mau professor nunca será um processo simples ou congruente mas sim algo subjetivo e variante consoante as diversas opiniões existentes na sociedade. Muitos formandos questionam-se acerca de quais os bons e os maus professores que tiveram e quais as características de cada um que os levaram a nomeá-lo como “bom” ou “mau” e esta é uma tarefa bastante complexa uma vez que, se se refletir convenientemente acerca do assunto, o mau nem sempre é o que dá piores notas e o bom nem sempre é o que conta anedotas em aula.

São infindáveis as características de um bom ou mau professor pois vão variando consoante as vivências e opiniões pessoais de cada aluno. Apesar disto, para que um docente possa ser considerado um bom docente, deve sempre ter o cuidado de fazer com que haja motivação para o sucesso nos seus alunos, uma vez que “a arte mais importante do professor consiste em despertar a motivação para a criatividade e para o conhecimento” (Albert Einstein referenciado por Estanqueiro, 2012, p.11).

Segundo Estanqueiro (2012, p.11), há algumas boas práticas que estimulam a motivação dos alunos e garantem o sucesso das aprendizagens tais como o respeito pela diferença. Para Harlen & Qualter (2006), o importante é que nas próprias intervenções se opte por uma postura de intencionalidade pedagógica, percebendo como cada criança se sente, se está a compreender e se está a adquirir algum tipo de conhecimento. Não há pessoas iguais, como tal, não há alunos iguais, cada um aprende por si só, ao seu ritmo, consoante as suas dificuldades ou facilidades, os seus gostos e interesses, as suas vivências pessoais e sociais e é fulcral que o professor seja proativo e nunca desista de fazer o aluno compreender e atingir os seus objetivos. Segundo Santos (2016, p. 53), “todos vivem o seu tempo ao ritmo do relógio biológico que os integra, que os regula durante a vida e que rege os seus ritmos” e o professor deve ser dotado de uma dada firmeza suficiente para avaliar e reavaliar o trabalho do aluno, encontrando a medida certa da aprendizagem de cada um, pois a sua missão não pode estagnar até que encontre uma maneira diferenciada capaz de dar resposta às necessidades de cada aluno.

O papel de um bom professor passa por retirar o melhor de cada um dos seus alunos, lecionar as suas aulas com alegria, tato pedagógico, criar um clima de cumplicidade com os seus alunos para que estes sintam confiança no professor capaz

de os motivar a aprender com ele e, como referido anteriormente, é fulcral que o docente elogie o que cada aluno tem de melhor em vez de enfatizar as dificuldades do mesmo uma vez que um professor deve ter o cuidado de não “asfixiar as capacidades individuais dos alunos” assim como, não lhes deve “destruir a vontade de aprender” (Robinson, 2009, p.28).

A minha professora de Inglês do 7º ano ensinava bem, dava muita atenção ao nosso trabalho e elogiava-nos, perante toda a turma, quando via o nosso esforço. Eu era um aluno normal, dava muitos erros na escrita e na oralidade, mas ela motivou-me para melhorar (...) escrevia comentários positivos (Pedro citado por Estanqueiro, 2012, p.22).

O docente deve demonstrar altas expectativas nos seus alunos, pois, se o professor acredita, é, sem dúvida alguma, um grande passo para que o aluno acredite também nele mesmo, uma vez que “o aluno comporta-se de acordo com as expectativas do professor, confirmando essas expectativas” (Estanqueiro, 2012, p. 28). Este modo de otimismo pedagógico não é a solução de toda a falta de sucesso existente, não transforma todos os alunos fracos em bons alunos, no entanto proporciona um clima favorável à motivação e contribui para a eficácia da ação educativa pois “um professor optimista usa a pedagogia da esperança. (...) Acredita na sua competência para ensinar e na capacidade dos alunos para aprender” (Estanqueiro, 2012, p.29).

Segundo Gouveia (2007), esta conceção é vista como um atributo, qualidade, aptidão, onde é possível relacionar formação com a pedagogia, uma vez que as atividades intencionais, no âmbito das quais um profissional concebe e prepara respostas formativas para situações concretas, organiza e dirige situações formativas, envolve os formandos nas suas aprendizagens e no seu trabalho, trabalha em equipa, utiliza novas tecnologias, enfrenta os deveres e dilemas éticos de uma profissão, gere a progressão das aprendizagens e avalia e controla os efeitos do trabalho formativo.

Dando o seu melhor ao ensino, o professor está a dignificar o seu trabalho visto que é este “o interveniente com mais responsabilidade no processo de aprendizagem. A forma como estrutura e apresenta as aulas e as metodologias que usa são factores decisivos na aprendizagem dos seus alunos” (Fonseca, 2001), na medida em que, se alimenta a motivação dos seus alunos, influencia positivamente a sua própria motivação, visto que “só o entusiasmo autêntico é contagiante. O professor motiva, se estiver motivado. Entusiasma, se estiver entusiasmado” (Estanqueiro, 2012, p. 32).

Nos dias de hoje não é suficiente que um professor leccione os conteúdos a desenvolver em determinado período de tempo; o docente deve tentar cativar o interesse do aluno para que este sinta motivação e alegria, não só em estar na escola mas também em aprender, algo que cada vez menos acontece uma vez que, a grande maioria dos alunos, somente vai à escola porque é, à semelhança do Diário da

República, obrigada a isso, “a frequência no âmbito da escolaridade é obrigatória a crianças e jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos” (Ministério da Educação e da Ciência, Despacho nº 5048-B/2013 de 12 de abril, 2ª série, nº 72), sendo esta obrigatória, deve então ser o mais apelativa possível para que deixe de ser vista como uma obrigação e passe a ser vista como um gosto, pelas crianças e jovens, pois como refere a Declaração dos Direitos das Crianças (1959), no Princípio 7.º,

a criança tem direito à educação, que deve ser gratuita e obrigatória, pelo menos nos graus elementares. Deve ser-lhe ministrada uma educação que promova a sua cultura e lhe permita, em condições de igualdade de oportunidades, desenvolver as suas aptidões mentais, o seu sentido de responsabilidade moral e social e tornar-se um membro útil à sociedade.

A educação consiste numa tarefa bastante complexa enquanto parte fulcral na formação de um cidadão. Segundo o Ministério da Educação (ME), Decreto-lei 46/86, de 14 de outubro, “todos os portugueses têm direito à educação e à cultura” (Artigo 2º, nº1, p.3068).

Os professores competentes devem ainda respeitar a heterogeneidade do seu grupo de alunos diversificando as metodologias de ensino e recursos utilizados de forma a motivar a turma. Quanto mais dinâmicas, diversificadas, criativas e fora dos traços tradicionais forem lecionadas as aulas, maior será o entusiasmo dos alunos para a aprendizagem pois “as estratégias de aprendizagem são um dos factores mais determinantes do sucesso e da qualidade de aprendizagem” (Duarte, 2012, p.81), como tal, o docente deve fazer um esforço por mudar e inovar as suas práticas e por estabelecer uma relação harmoniosa e de cumplicidade com os seus alunos já que os professores têm “o poder de ensinar através de «grandes ideias»” (Haigh, 2010, p.16), sendo este um princípio que “une a compreensão da pedagogia e do conhecimento com a das competências exigidas pelo programa” (Haigh, 2010, p.16).

A relação descrita acima promove alguns dilemas éticos que o professor enfrenta no seu quotidiano, pois é no processo de ensino e aprendizagem e em contexto de sala de aula que este vivencia as situações mais problemáticas. Algumas dessas situações geram um confronto entre um ideal de relacionamento afetivo que o docente desejaria que fosse próximo e amigável e as exigências da situação que coloca em causa esse ideal e que aconselha a prudência de um maior afastamento afetivo para responsabilizar o aluno pelas suas atitudes.

O mesmo se poderá afirmar em relação aos dilemas relativos à disciplina na aula que frequentemente colocam em conflito o conceito de autoridade do professor, associado a formas tradicionais de manutenção da disciplina e com carácter punitivo e o conceito de uma autoridade democrática associada a valores de cidadania (Estrela, 2010).

De modo a melhorar a qualidade do ensino ministrado nas escolas, as políticas devem centrar-se na mudança das práticas na sala de aula, bem como na definição e prossecução dos objetivos de longo prazo uma vez que, para que o aluno esteja motivado, é necessário, e de extrema relevância para o aluno, que sejam estabelecidos objetivos finais e intermédios e que lhes seja dado feedback dos seus progressos ou recuos para que saiba a que distância se encontra dos objetivos a atingir.

No momento de ensinar, os professores deverão apostar na diversidade de métodos e das atividades, o que faz com que estes “assentem a sua prática numa base de pesquisa e experiência sobre o ensino eficaz” (Hargreaves, 2003, p.49).

Este ensino eficaz não passa por um ensino tradicional e unidirecional, no qual o único e fundamental intuito da aprendizagem é que os alunos ouçam o que lhes é ensinado e o interiorizem sem se questionarem acerca do que aprendem uma vez que

el profesor no viene a hablar para que le atiendan y le escuchen. Viene, sobre todo, en una actitud de atención a las manifestaciones de sus alumnos. El niño está en la escuela para expresarse y aprender experimentando, produciendo. El núcleo principal de la atención docente es la escucha a la versatilidad de la expresión humana del aprendizaje (Hernando, 2014, p.1).

O bom docente cria momentos de reflexão e avaliação com os alunos para que estes saibam a que distância estão de atingir os objetivos por eles definidos. Este tipo de avaliação é extremamente importante pois permite “desenvolver nos alunos uma atitude reflexiva, de questionamento e de controlo e permite-lhes, simultaneamente, consciencializar as aprendizagens que vão fazendo e, nesse sentido, contribuir para melhorar a qualidade dessas aprendizagens” (Leite & Rodrigues, 2002, p.57). Salienta-se, ainda, a importância do diálogo e do questionamento que permitam, ao docente, estimular o pensamento e a aprendizagem das crianças, motivando-as e despertando a sua atenção (Vieira & Vieira, 2005).

Para Estrela (2010), a profissão docente exerce-se por delegação social e assenta num conjunto articulado de saberes e atitudes e um ideal de serviço que lhe confere significado e que remete para o conceito de profissionalismo.

Esse ideal consubstancia o exercício ético da competência profissional e os fins e valores que as sociedades consideram relevantes e dignos de serem transmitidos através do processo educativo.

Convém, por conseguinte, lembrar que o profissionalismo pressupõe o desenvolvimento de valores como a tolerância, o respeito pela diversidade, o rigor, a solidariedade e a cooperação que transcendem a sala de aula e abrangem toda a escola e toda a comunidade. Pressupõe, ainda, uma nova ética relacional, sentido de autonomia e responsabilidade dos professores que dê resposta à necessidade da

escola de funcionar como um todo, baseando-se no trabalho colaborativo dos professores e na aprendizagem dos alunos.

Os valores que enformam a ética profissional dos professores são valores socialmente apreciados e poderão fazer com que haja um funcionamento mais harmónico na escola. De acordo com estudos referidos por Estrela (2010), os valores que os professores consideram ser importantes na orientação da sua conduta profissional, revelam uma dimensão humana marcada pelo respeito pelo outro, aliada ao sentido de responsabilidade e uma orientação para a solicitude capazes de promover o sucesso educativo nos alunos.

1.3. Sucesso Educativo

*Success isn't about how much
Money you make, it's about the difference
You make in people's live.*
Michelle Obama

Segundo Lopes & Silva (2010, p.135), “uma estratégia de ensino corresponde a um conjunto de acções do professor orientadas para alcançar determinados objectivos de aprendizagem que se têm em vista”. O grande e mais importante objetivo de um profissional de educação deve ser, desde a sua formação primordial, caminhar rumo ao sucesso com cada um dos alunos, respeitando o seu ritmo de aprendizagem. O sucesso de um adulto está na sua excelência enquanto aluno, como tal, cada professor tem um papel fundamental no adulto de amanhã e deve ter isso em conta a cada aula que por ele é lecionada pois tem nas suas mãos o sucesso ou insucesso de uma vida e pode fazer a diferença no seu grupo de alunos.

Formosinho (citado por Martins, 1993, p.31), menciona que, se considerarmos que o conceito de educação tem como componentes a instrução, que passa pela transmissão de conhecimentos e técnicas, a socialização, ou seja, transmissão de normas, valores e crenças, hábitos e atitudes e estimulação, sendo esta a promoção do desenvolvimento integral do educando, pode então concluir-se que o insucesso educativo individual tanto se pode referir ao insucesso na instrução, como ao insucesso na socialização, como ainda ao insucesso na estimulação.

Assim sendo, o docente tem um papel fundamental na construção do sucesso nos seus alunos, pois é na escola que o cidadão começa por se formar, isto não vem, no entanto, significar que, das mãos de qualquer bom professor, surgirá garantidamente um bom e exemplar cidadão, no entanto, as probabilidades de tal acontecer crescem significativamente quando os alunos têm um bom profissional como referência.

As mutações que se vão desenrolando pelo mundo devem ser tidas em conta em todos os ramos profissionais e a educação não é exceção. Ser professor é das poucas profissões que pressupõe uma formação constante, esta formação apenas termina quando um docente deixa de exercer a sua profissão sendo que, até findar o exercício de ensinar, o docente tem o dever de se atualizar e adequar às características do mundo e dos seus alunos.

Para tal, e conforme mencionado anteriormente, é necessário que um professor faça continuamente uma procura constante capaz de influenciar a dinâmica da aprendizagem. Esta procura constante, aliada à criatividade, inovação e diversidade, poderão fazer toda a diferença na qualidade do seu trabalho e, conseqüentemente, rumar ao sucesso escolar do aluno pois “ser professor-investigador é, primeiro que tudo, ter uma atitude de estar na profissão como intelectual que criticamente questiona e se questiona” (Alarcão, 2001, p.6).

Segundo João Formosinho (1991), o sucesso escolar é entendido como o sucesso do aluno certificado pela escola. O sucesso vem, no entanto, vinculado a um sucesso pessoal e social, pois só é possível ser-se bem-sucedido quando se cresce intrinsecamente, só aí estamos aptos a rumar ao sucesso.

É importante mencionar que, somente em Dezembro de 1987, sob pressão da integração europeia, surgiu um programa oficial que afirmou o insucesso escolar como um problema do sistema de ensino que exigia uma intervenção urgente. A resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1987 (Diário da República, II série, n.º17, de 21 de Janeiro de 1988, pp. 537-542) aprovou um Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Educativo (PIPSE). Terá sido, desde então, verificada uma atenção substancialmente mais elevada por parte do ensino em promover o sucesso nos alunos, algo que, até então, era desvalorizado pela escola.

Para Rangel (1994, p.20) “o insucesso escolar significa a falência de um projeto, assim como a posição difícil em que somos colocados pelos adversários. No campo escolar, significa o insucesso num exame, bem como o afastamento definitivo da escola provocado por repetências sucessivas”.

Apesar disto, atualmente, continua a ter-se o insucesso de um aluno num exame como algo bem mais abrangente do que na realidade representa. Um aluno com uma má classificação num exame ou frequência é quase que automatizado como um mau aluno e vai sendo rotulado deste modo.

Esta visão dos discentes supracitada anteriormente, está distorcida do real e deve ser rapidamente colocada de parte pois, desta forma, são muitas vezes os chamados profissionais de educação quem leva os seus alunos a caminhar para o insucesso pois o primeiro passo está em acreditar! Acreditar no outro ajuda-o a ser cada

vez melhor e ao professor compete a valorização das melhorias, a demonstração de altas expectativas e não a glorificação das dificuldades ou falhas dos alunos. Se o professor não acreditar no seu aluno, este dificilmente irá crer que é capaz!

Insucesso escolar é algo esporádico e não permanente, conforme muitas vezes se verifica ser aceite pelos docentes.

O professor tem de ser capaz de mostrar ao educando que aprender é algo que dá prazer, esforçando-se por

seduzi-lo para o conhecimento, despertar nele a curiosidade e o desejo, fazê-lo apaixonar-se pelo saber, é tarefa primordial de qualquer professor. Neste processo de sedução para o conhecimento, o professor terá de ser exemplo de paixão na educação. Paixão pelos alunos, paixão pelo saber, paixão pelo ato de ensinar (Gonçalves, 2008, p.74).

É a partir do envolvimento entre a criança e o processo de ensino-aprendizagem que o professor deve apostar, de modo a colocar a criança no centro do seu conhecimento. Deste modo, o aluno, ao desempenhar um papel ativo na sua aprendizagem e ser ele próprio o construtor do seu saber, deverá sentir-se capaz de colaborar na formação do seu autoconhecimento.

Um docente capaz de reproduzir conceitos e conteúdos e, ao mesmo tempo, proporcionar aos seus alunos a construção do seu próprio conhecimento, através de propostas desafiadoras e atrativas, poderá obter mais facilmente um clima harmonioso, promotor de aprendizagens significativas, eficazes e de sucesso.

Tal como refere Mitchel (citado por Bzuneck, 2010, p.13), os professores têm demonstrado uma grande preocupação a respeito de como motivar os alunos para o gosto pela aprendizagem pois, qualquer bom docente, tem consciência de que “é cada vez mais necessário que um professor torne as tarefas escolares prazerosas e intrinsecamente motivadoras” (Boruchovitch, Bzuneck, Guimarães, 2010, p.14). É importante que um professor proporcione, através de diversas estratégias de ensino, momentos em sala de aula onde as crianças sintam necessidade de aprender e de atuar.

2. Projetos e Programas

*Não sou obrigado a vencer
mas tenho o dever de ser verdadeiro.
Não sou obrigado a ter sucesso
mas sou obrigado a corresponder à luz que tenho.*
Abraham Lincoln

Serão, no decorrer deste capítulo, abordados alguns projetos promotores de qualidade na docência, de autonomia nos alunos e centrados no desenvolvimento das capacidades das crianças. Entre tantos outros projetos que se regem segundo os ideais anteriormente mencionados, enfatizar-se-ão os Jesuítas de Barcelona, Projeto Eres e, ainda, o Projeto levado a cabo pela Escola da Ponte, por se apresentarem como estratégias educativas inovadoras.

2.1. Fundação Jesuítas Educação

A Fundação Jesuítas Educação, em Barcelona, iniciou um projeto que visa a promoção de melhorias nas escolas: mudar para adequar o ensino ao contexto, época e intervenientes em que este insere.

O novo modelo implica uma mudança nos processos de ensino e de aprendizagem, de acordo com as renovações sociais e tecnológicas que tinham vindo a acontecer nos últimos anos. Esta transformação traduz-se numa nova organização do espaço, do corpo docente, dos horários e da avaliação de modo a melhorar a qualidade do ensino.

Neste tipo de abordagem educativa, foram envolvidas várias escolas nas quais se vivencia um ensino diferente no qual

a evidência primeira (a tese) que importa destacar é que é possível uma outra forma de escolarizar as crianças e os adolescentes. É possível outra forma de fazer aprender os alunos. É possível outra forma de organizar e desenvolver o currículo, outras formas de organizar o trabalho pedagógico de professores e alunos, outra forma de gerir espaços e tempos, fora da velha ordem industrial (Alves e Cabral, 2017, p.6).

O trabalho em sala de aula desenvolve-se através de projetos interdisciplinares realizados em

espaços amplos permitindo alguns deles reunir entre 50 a 60 alunos cujo trabalho de projeto é supervisionado e orientado por três professores. Contíguo a este grande espaço há dois pequenos espaços nos topos que permitem um trabalho mais resguardado em pequenos grupos (Alves e Cabral, 2017, p.7).

e trabalhar elementos de diferentes matérias. Isto altera a habitual agenda diária dividida por disciplinas. As aulas expositivas e os exames são reduzidos e perdem relevância na avaliação, que se realiza no conceito da avaliação contínua, a partir do trabalho

desenvolvido pelos alunos. Para que tal inovação seja possível e corresponda ao expectável é fulcral que a ela inerentes estejam docentes capazes de corresponder às expectativas. Para tal, nas escolas jesuítas,

são conhecidos os famosos 5 C que fundam, orientam e iluminam a ação: Educar pessoas: Competentes, Conscientes, Compassivas, Comprometidas e Criativas. A ação profissional dos professores é tendencialmente orientada por este forte sentido teleológico. Os professores existem para estarem ao serviço dos alunos, ao serviço das aprendizagens pessoais e sociais de natureza cognitiva, afetiva, social, emocional. Respira-se o axioma de que todos podem aprender (Alves e Cabral, 2017, p.6).

Trata-se de uma fundação que trabalha a inspiração inaciana e garante renovar as escolas, com o objetivo de proporcionar uma educação que abrange todos os aspetos da pessoa.

Este passa ainda por ser um projeto de vida aberto aos outros, visto que a educação jesuíta é uma fundação criada pela Companhia de Jesus na província na Catalunha que tem como objetivo enfrentar os desafios da educação que surgem nas escolas.

O projeto vive numa crescente complexidade na gestão das escolas devido às exigências da legislação educacional e às mudanças sociais com que lidam diariamente e acredita que a missão educativa é a resposta ideal para os desafios identificados.

No que respeita ao trabalho docente, a educação jesuíta pretende um forte e eficaz trabalho de equipa pois

todos os professores são tutores de um grupo de alunos, que reúnem frequentemente para planificarem e refletirem sobre os avanços e recuos dos alunos, para ajudarem na organização das agendas pessoais, para planificarem em conjunto, estabelecendo objetivos e estratégias a curto prazo (Pinto, 2017, p.41).

promovendo, este trabalho de equipa e entreajuda, uma gestão que seja favorável ao trabalho do aluno, sendo este o centro da aprendizagem uma vez que “dar voz ao aluno é uma premissa constante. É possível criar planos personalizados da aprendizagem, é possível evidenciar o equilíbrio entre interdependência positiva e responsabilidade individual, trabalho colaborativo e trabalho individual” (Pinto, 2017, p. 41).

2.2. Projeto *Eres*

O projeto *Eres* vive e convive dentro da comunidade de Leça da Palmeira.

É um espaço com pessoas que fazem deste projeto um dos quatro protótipos de comunidades de aprendizagem em Portugal.

Está conectado com um movimento que visa melhorar o paradigma educativo, estando consciente que essa melhoria passa, por vezes, por um desfazer da atual realidade do sistema educativo instituído em Portugal, semelhante a tantos outros, que nos últimos anos tem sido colocado em causa um pouco por todo o mundo.

Esta iniciativa tem como visão e missão ajudar numa nova construção social, acreditando que um novo modo de educar e aprender são basilares para a mudança de paradigma. Para que isto possa acontecer é necessário reavaliar um conjunto de conceitos, um conjunto de saberes e um conjunto de vocábulos. De acordo com Paulo Freire (1975), aprendemos uns com os outros, em qualquer tempo, em qualquer lugar e de qualquer modo, desde que mediatizados pelo mundo. É de considerar que o projeto *Eres* não trabalha para a comunidade, mas sim com a comunidade.

O projeto esforça-se por compreender o melhor possível

as reais necessidades das crianças, dos jovens e das famílias do século XXI. Nesse sentido, propõe sair do paradigma de ocupação de tempos livres e transformar os períodos pós-escolares em períodos de expansão da aprendizagem, criatividade, imaginação e desenvolvimento de competências, através de oficinas e outras ferramentas que dão espaço para a expressão e desenvolvimento dos talentos pessoais, das competências psicossociais e do abraçar dos sonhos individuais, construindo pessoas mais sábias e felizes (Jeremias, 2016, p.1).

Os objetivos a que este projeto se propõe, poderão ser observados no plano abaixo apresentado, no qual surge um programa de oficinas pós-escolares oferecidas pelo mesmo. Como o programa demonstra, num período de cerca de três horas diárias, é oferecida uma variedade considerável de oficinas de modo a permitir às crianças a escolha autónoma e livre da expressão que melhor se adequa aos seus interesses.



Figura 1 - Oficinas do projeto Eres.

Trata-se de um projeto com quase sete anos de existência que visa destinar o tempo a aprofundar os diálogos, interagir, desenvolver o verdadeiro sentido da relação com os outros, completando-o com as mais diversas parcerias com a restante comunidade.

Crê-se profundamente num espírito de missão e, como tal, o projeto acredita ser possível acolher todas as crianças, jovens e adultos e a cada qual dar as condições necessárias para se conseguir alcançar a felicidade e a sabedoria. Não é suficiente cuidar de alguns, é importante haver uma abrangência capaz de responder às necessidades de cada um.

É importante dar a conhecer este projeto e o que nele se desenvolve para que se possa mostrar que todos podem ser verdadeiramente felizes nos dons que cada um desenvolve à sua maneira, ao seu ritmo, e dentro de um modo individual de agir.

O projeto dispõe de espaços, pessoas, ideias e projetos a desenvolverem-se, e quer propor a integração de todos os interessados nestas iniciativas. Pretende ainda perceber quais são os desejos, as vontades e as necessidades de todos os interessados e, juntos, construir algo melhor.

2.3. Escola da Ponte

2.3.1. Contextualização histórica

Até 1976, a escola fazia parte de um polo que concentrava mais outros cinco prédios escolares, entre escolas de educação infantil e do fundamental (antigas escolas primárias).

Nesse período, o país tinha acabado de sair de uma ditadura de 48 anos e as escolas públicas encontravam-se em altos níveis de precariedade. O grau de violência interna subia a cada dia, desmotivando e desmoralizando os profissionais da educação. O ensino, feito com base em manuais iguais para todos, era um dos causadores do desinteresse. Outro era a estrutura física do prédio escolar, que se encontrava em total decadência.

A equipa escolar passou, então, a questionar os problemas e deficiências daquela escola, identificando que pequenos ajustes não alcançariam a mudança esperada: era necessária uma verdadeira revolução pedagógica. Essa vontade de mudança partiu do docente José Pacheco, que, ao longo da sua vida enquanto professor, não encontrava sentido nas aulas tradicionais nem no que chamava de fundamentalismo pedagógico.

Foi deste modo que, após inúmeras discussões, a equipa pedagógica da Escola da Ponte decidiu abolir as séries, provas, salas de aulas e disciplinas, incidindo a sua proposta pedagógica para o exercício da autonomia e da liberdade de aprendizagem dos alunos. Antes visto como solitário, o trabalho do professor passa a assumir um carácter compartilhado, desenvolvido em conjunto com outros professores e com os estudantes, que passam a desenvolver atividades de educação de pares, num processo de troca e construção coletiva, em que todos aprendem e ensinam ao mesmo tempo.

Com o passar dos anos e dado os seus resultados, em 2008, a escola conseguiu tornar-se autónoma do ME de Portugal.

2.3.2. Organização Pedagógica

O grande objetivo do projeto da Escola da Ponte passa por as crianças que sabem ensinam as crianças que não sabem. A aprendizagem e o ensino são um empreendimento comunitário, uma expressão de solidariedade. Mais que aprender saberes, as crianças estão a aprender valores. A Escola da Ponte é uma instituição pública de Portugal que, desde 1976, compreende que o percurso educativo de cada estudante supõe um conhecimento cada vez mais aprofundado de si próprio e um relacionamento solidário com os outros.

Nesta escola, os estudantes, ainda que de diferentes idades, organizam-se a partir de interesses comuns para desenvolver projetos de pesquisa. Os grupos formam-se e desfazem-se de acordo com os temas e a partir das relações afetivas que os estudantes estabelecem entre si, como é possível observar na imagem a seguir apresentada, na qual está demonstrada uma aula da Escola da Ponte.



Figura 2 - Aula na Escola da Ponte.

O processo individual de cada estudante passa por três núcleos distintos: o de iniciação, o de consolidação e o de aprofundamento.

Na iniciação, ele é acompanhado com maior frequência e passa a aprender as regras de convívio coletivo e os compromissos que assume com os demais e com o seu próprio processo de aprendizagem.

Na consolidação, a necessidade de acompanhamento diminui, o estudante assume maior liberdade nos espaços e tempos da escola e passa a gerir de forma autónoma o currículo nacional destinado ao 1.º CEB.

No núcleo de aprofundamento, as crianças e adolescentes assumem um comportamento bastante autónomo, gerem elas mesmas não só as suas atividades individuais como as coletivas e assumem o estudo do currículo nacional do 2.º ciclo.

Em vez de um único professor, os estudantes têm à sua disposição todos os orientadores educativos da escola para os acompanharem tanto nas questões de

aprendizagens académicas como comportamentais. Ao invés de disciplinas, o projeto pedagógico é dividido por seis dimensões, apoiadas por docentes, pedagogos e psicólogos: linguística (língua portuguesa, inglesa, francesa e alemã), lógico-matemática (matemática), naturalista (estudo do meio, ciências da natureza, ciências naturais, físico-química e geografia), identitária (estudo do meio, história e geografia de Portugal e história), artística (expressão musical, dramática, plástica e motora, educação física, educação visual e tecnológica – E.V.T., educação musical, educação visual, educação tecnológica e T.I.C.) e pessoal e social (formação pessoal, educação especial e psicologia).

Cada estudante deve escolher um tutor, sendo este tutor qualquer indivíduo da comunidade escolar, funcionários, professores ou pais. Este tutor será responsável por orientar o estudante no percurso pedagógico que ele estabelece para si mesmo. Dessa forma, o aluno e o tutor avaliam juntos como foi o processo de aprendizagem, se os objetivos foram alcançados, se ficou alguma dúvida e se a criança ou o adolescente está satisfeito com o que alcançou. Em vez de exames ou fichas de avaliação, o tutor e o estudante estabelecem o mecanismo que irão utilizar para aferir a satisfação e se o conteúdo foi assimilado num processo bastante dialogal e educativo.

Segundo o projeto educativo, a escola tem como pedagogia o “Fazer a Ponte”, que visa a formação de pessoas autónomas, responsáveis, solidárias, mais cultas e capazes de construir um destino coletivo e um projeto de sociedade que potencialize a afirmação das mais nobres e elevadas qualidades de cada ser humano.

Para tanto, a Escola da Ponte integra e corresponsabiliza todos os envolvidos da comunidade escolar na sua construção – o indivíduo se faz no coletivo e o coletivo se alimenta da singularidade de cada um.

A escola destina-se a um vasto público de estudantes, sendo estes de diferentes classes sociais e muitos pais, inclusive, mudaram-se de outras regiões do país só para possibilitar aos filhos a chance de estudar na instituição. Da mesma forma, crianças e adolescentes com deficiências estudam no mesmo processo que os restantes: participam nos grupos, vivenciam os processos de planeamento e autoavaliação e discutem as regras da comunidade.

Em suma, a escola fortalece a sua pedagogia, reconhecendo cada estudante como único, integrante de uma cultura, origem e estrutura familiar singulares.

II. ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

Uma investigação “é um caminhar para um melhor conhecimento e deve ser aceite como tal, com todas as hesitações, desvios e incertezas que isso implica” (Quivy & Campenhoudt, 1992, p.29). Esta descreve um “conjunto flexível de linhas orientadoras que relaciona os paradigmas teóricos com as estratégias de pesquisa e os métodos de recolha do material empírico” (Aires, 2011, p.20).

Após a descrição da teoria que sustenta todo o trabalho desenvolvido, é importante referir qual o tipo de estudo que foi levado a cabo, bem como o contexto de investigação e os instrumentos de recolha de dados.

1. Tipo de estudo

As metodologias de investigação em educação são normalmente definidas como qualitativas ou quantitativas, variando consoante os dados recolhidos e o modo como estes são analisados. O estudo realizado caracteriza-se sobretudo por um estudo qualitativo uma vez que, como Bogdan & Biklen (2010) afirmam, é um método mais apropriado para o trabalho de investigação em educação.

Todo o profissional de educação é considerado um investigador em constante reflexão, “com um espírito de pesquisa próprio de quem sabe e quer investigar” (Campos, 2001, p. 22). Este investigador define objetivos e aplica-os aos seus contextos, visando a eficácia e altera-os consoante as características do grupo, procurando criar uma aprendizagem eficaz e integrada.

Para isto, o investigador deve “recolher e registar informações, documentar experiências dentro e fora da sala de aula, registar por escrito observações realizadas e repensar e analisar acontecimentos” (Campos, 2001, p. 22).

2. Fases da Investigação

Como método de registar, melhor compreender e facilitar na investigação desenvolvida ao longo destes meses, optou-se pela construção de um cronograma que patenteia as diferentes fases da sua construção bem como o percurso desenvolvido.

Investigação	1ª Fase	2ª Fase	3ª Fase	4ª Fase	5ª Fase	6ª Fase	7ª Fase	8ª Fase	9ª Fase	10ª Fase
Definição da temática										
Revisão Bibliográfica sobre o tema										
Construção de Instrumentos de Recolha de Dados										
Aplicação do <i>Focus Group</i>										
Realização do inquérito por Entrevista										
Análise e Interpretação dos Dados										
Revisão do Relatório										

Tabela 1 - Cronograma das Fases de Investigação.

3. Contexto da Investigação

Segundo Aires (2011, p. 22), “a seleção da amostra adquire nesta metodologia um sentido muito particular: tem por objectivos obter a máxima informação possível para a fundamentação do projeto de pesquisa”. O autor anteriormente supracitado refere que a amostragem na investigação qualitativa pode ser opiniática ou teórica.

Nesta investigação, a amostragem é opiniática visto que “o investigador seleciona os sujeitos em função de um critério estratégico pessoal – os sujeitos que possuem um conhecimento mais profundo do problema a estudar” (Aires, 2011, p. 23).

Os participantes desta investigação selecionados foram um pequeno grupo de docentes envolvidos no projeto *Arco-Íris* da associação *Ajudaris* e um grupo de alunos também envolvidos no projeto anteriormente mencionado.

Estando esta investigação inerente à associação *Ajudaris*, mais concretamente ao projeto *Arco-Íris*, é importante contextualizar a associação estudada.

3.1. Associação *Ajudaris*

A *Ajudaris* é uma associação particular de caráter social e humanitária de âmbito nacional, sem fins lucrativos e sem apoios do estado que luta diariamente contra a fome, pobreza e a exclusão social e tem o objetivo de apoiar várias famílias carenciadas.

Foi fundada em julho de 2008 e considerada de utilidade pública desde outubro do mesmo ano. A *Ajudaris* figura assim como uma IPSS – Instituição Particular de Solidariedade Social.

Foi fundada por um grupo de voluntários que, pontualmente, faziam uma Intervenção Social no terreno, junto das populações mais carenciadas do Porto. Perante os constantes apelos da comunidade apoiada, surgiu a necessidade de criar respostas mais regulares, organizadas e eficientes que visam o desenvolvimento de um trabalho multidisciplinar.

A presente associação tem como objetivos fundamentais promover diversas atividades de caráter social e humanitário que contribuam para a inclusão e integração social, auxiliar no combate à pobreza persistente e às novas formas de exclusão social, através da garantia dos direitos básicos de cidadania, visando auxiliar os grupos mais desfavorecidos, articular e complementar o trabalho social com as várias entidades públicas e privadas, criar equipamentos sociais e redes de cooperação que possibilitem um apoio individual tendo em conta as problemáticas e idiosincrasias de cada utente.

Deve ainda fazer-se referência à missão pela qual se rege a associação *Ajudaris*, *estimular e promover a qualidade de vida dos seus utentes, visando desenvolver a autonomia, combater a solidão, bem como, promover a interação destes com as suas famílias, com grupos sociais de faixas etárias heterogéneas, instituições e comunidade em geral.*

No que respeita aos valores e princípios desta associação, pode e deve fazer-se inferência à humanização e personalização no atendimento, na ação e nos serviços prestados, ao respeito pela individualidade, privacidade, intimidade e direito dos utentes e colaboradores, ao espírito de acolhimento e de solidariedade e ao envolvimento, dedicação e compromisso em todo trabalho a desempenhar.

Como método de organização de trabalho e de dar, mais fácil e eficazmente, resposta aos problemas apresentados, a associação criou vários projetos, cada um deles dirigido a um determinado grupo de pessoas com características e dificuldades semelhantes entre si.

3.1.1. Os Projetos

i. *S.O.S. Fome*

O projeto *S.O.S. Fome* apoia crianças e as suas famílias que vivem em situação de pobreza extrema, encaminhadas por Escolas, Juntas de Freguesia, ou Segurança Social de vários pontos do país. O programa consiste na entrega de bens alimentares de primeira necessidade a essas mesmas famílias, tentando deste modo amenizar as dificuldades extremas vivenciadas por estas famílias. Após o encaminhamento, é realizada uma visita ao domicílio e, no caso de ser constatada a insuficiência económico-social, fica abrangido pelo programa.

Além do apoio alimentar, o projeto visa ainda a doação de outros bens essenciais a uma vida condigna. Paralelamente, são desenvolvidas as competências das famílias com o objetivo de as tornar autónomas.

O projeto apresentado tem como objetivos combater a privação de alimentos essenciais e outros bens de primeira necessidade fundamentais à satisfação básica do ser humano, prevenir e reparar situações de carência e desigualdades socioeconómicas de dependência e vulnerabilidade social e promover o desenvolvimento de competências dos cidadãos visando a integração e a inclusão social.

O público-alvo a que este projeto é destinado são crianças e adolescentes em risco e famílias socialmente vulneráveis.

ii. *Idade d'Ouro*

O projeto *Idade d'Ouro* é desenvolvido em parceria com as Juntas de Freguesia e outros parceiros sociais, direcionado a idosos que passam pela dor da solidão e sem retaguarda familiar. Devido ao crescente envelhecimento da população e dos novos desafios familiares, prevê-se que aumente a quantidade de idosos necessitados deste apoio. No âmbito deste projeto são efetuadas, semanalmente, visitas domiciliárias por equipas de voluntários e são realizadas diversas atividades de animação, que permitem a criação de relações de proximidade que contribuem para a promoção do bem-estar físico e mental dos idosos.

Os objetivos propostos a desenvolver pelo projeto *Idade d'Ouro*, prendem-se com minimizar e combater a solidão e isolamento na terceira idade, promover o bem-estar físico e mental e ainda contribuir para o retardamento do declínio cognitivo.

O público-alvo a que se destina este projeto são idosos sendo que é dada prioridade aos idosos sem retaguarda familiar.

iii. *Crescer Com Histórias*

No seguimento do impacto das *Histórias da Ajudaris* a nível nacional, a Associação foi desafiada a publicar contos da sua autoria. Foi uma ideia que agradou desde o primeiro momento! Os contos são maravilhosos e as sugestões de trabalho são muito interessantes para descobrir e solidificar conteúdos de forma significativa.

Segundo a autora do projeto, Maria João Torres, o mesmo foi idealizado com o intuito de desenvolver nas crianças o gosto pela leitura e a capacidade de, através da leitura de histórias, apreenderem conteúdos de cidadania bem como de carácter curricular. Assim sendo, o projeto visa promover uma harmonia e envolvimento de um público-alvo bastante abrangente no qual não interagem somente as crianças mas todos aqueles que representam um papel crucial no seu desenvolvimento, os pais, os professores e os educadores.

O projeto disponibiliza um conjunto de vinte e oito histórias e, cada uma delas, surge acompanhada de exercícios, destinados a vários anos de escolaridade do 1ºCEB, que permitem aos alunos trabalhar a produção textual ou análise de histórias.

Entre esse conjunto de histórias temos, por exemplo: *A caixa dos sorrisos*; *A longa viagem do Porta-retratos*; *A primeira viagem de avião*; *Aprender a estudar*; *Como conhecer o mundo*; *Como iniciar uma história*, entre outros magníficos e variados recursos a trabalhar com as crianças.

iv. *ComPartilhArte*

O projeto *ComPartilhArte* diz respeito a um concurso a nível nacional que pretende dar asas à criatividade de crianças e jovens. Partindo dos temas tratados no projeto *Histórias da Ajudaris*, as crianças e jovens, são convidadas a ilustrar pequenas caixas.

Estas caixas são recheadas com um sabonete, em forma de coração, dividido em duas partes, que simbolizam a partilha de afetos, valores e emoções. Este sabonete deve ser partilhado com alguém especial.

O concurso destina-se a crianças do Pré-Escolar, 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico de Portugal. São convidadas algumas escolas a participar e, cada sala, pode enviar uma caixa por cada aluno.

Como forma de trabalhar a criatividade, um dos objetivos do projeto, as crianças devem utilizar diversas técnicas, recorrendo a variados materiais como o grafite, lápis de cor, marcadores coloridos, tinta de guache, tinta de aquarela, tinta-da-china, colagens, recorte, entre outros pois quanto maior for a variedade de materiais, maior será a capacidade criativa.

Para além da criatividade, anteriormente referida, o presente projeto pressupõe o alcance de vários objetivos, sendo eles: despertar a imaginação e o espírito criativo das crianças e jovens; desenvolver e fortalecer hábitos de expressão plástica articulados com a leitura; fomentar e fortificar a cidadania e solidariedade.

O *ComPartilhArte* possibilita ainda o apoio ao nível dos rastreios de visão e distribuição de óculos a nível nacional por crianças carenciadas. As crianças levam as caixas para casa e as famílias são convidadas a dar um donativo. No final, esse donativo permite apoiar crianças e famílias carenciadas, com rastreios de visão e compra de óculos. O projeto alia a criatividade e a solidariedade de alunos, pais e professores na construção de uma comunidade mais justa e solidária.

3.1.2. Cidadania e Valores

A Educação é a arma mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo.
Nelson Mandela

Conforme versado no capítulo anterior, um dos objetivos do projeto *Arco-Íris da associação Ajudaris* é a fomentação da cidadania nas crianças e, por tal, esta temática deve ser aprofundada de modo a procriar uma melhor e mais profunda compreensão de um dos grandes propósitos.

A problemática da cidadania, apesar da sua longevidade, continua a ser amplamente debatida nos dias de hoje, devido ao caráter reflexivo que esta temática envolve, às múltiplas visões e olhares sobre o mundo e a vida e às rápidas mudanças pelas quais passam as sociedades contemporâneas.

Neste sentido, revelou-se importante abordar e investigar, no presente relatório investigativo, este tópico acerca da cidadania e valores enquanto promotores de sucesso escolar e do desenvolvimento da criança e futuro cidadão, tendo em conta que

nenhum ser humano pode viver sozinho, fora de qualquer comunidade. Pertencer a grupos sociais, da família à sociedade planetária, é um princípio não apenas da nossa sobrevivência material, mas também da nossa identidade, do nosso desenvolvimento intelectual, do nosso equilíbrio afetivo (Perrenoud citado por Simão, 2010, p. 95).

É do conhecimento geral que a concetualização de cidadania se foi formando em volta da questão dos direitos e deveres e das diferentes construções em que estes estão envoltos. Certamente é um conceito que irá permanecer sem uma definição coerente uma vez que vivemos num mundo extremamente diversificado e a cada cultura concerne uma específica cosmovisão acerca do que versa este capítulo do relatório de estágio. Cada civilização tem a sua própria conceção de cidadania, de direitos e de deveres, resultando, desta forma, em diferentes práticas de cidadania.

Assim sendo, e tendo em atenção a heterogeneidade presente nas escolas dos dias de hoje, o professor tem e deve ter uma consciência de missão perante o aluno e a turma e ser capaz de promover, junto de cada estudante, uma concetualização de cidadania adequada ao meio social de cada um. Esta missão vem promover a consciencialização de liberdade, surgindo de forma espontânea, coerente e responsável, a noção dos seus direitos, bem como a noção de solidariedade e de respeito mútuo para a construção de uma sociedade melhor. Como afirma Gonçalves (2006, p. 108), “aos alunos é oferecida a possibilidade de alcançar consciência de si, olhar-se como um ser humano integral, sentir-se que com a ajuda do Outro, pode e deve envolver-se na edificação de um mundo melhor”.

Neste sentido, a escola constitui-se como que o locus da educação para a cidadania, pois, como afirma Sarmiento (citado por Vasconcelos, 2007, p. 2), a escola é primeiro o pilar da socialização pública das crianças, sendo esta um “agente de mudança e factor de desenvolvimento (...) que tem que se assumir basicamente não só como um potenciador de recursos, mas também como um lugar de abertura e de solidariedade, de justiça e de responsabilização mútua, de tolerância e respeito, de sabedoria e de conhecimento” (Oliveira Martins, 1992, p. 41).

Rocha (1996) defende que a educação para os valores assenta em três vertentes distintas: a diferenciação, a unicidade e a facilitação de uma aprendizagem significativa. No respeitante à diferenciação, esta é fulcral na medida em que as crianças têm necessidade de guias e pontos de referência mais estáveis do que os adultos, a unicidade pois cada pessoa é um ser único que necessita de se conhecer e só assim poderá assimilar as suas experiências e ser capaz de integrar o seu lado comportamental, afetivo e intelectual e, por último, a facilitação de uma aprendizagem significativa, aspeto este que compete em grande parte ao docente que acompanha o desenvolvimento da criança. Este ponto é deveras importante visto que o indivíduo deve aprender a ser consciente da sua conduta e do significado pessoal e social que pode revestir.

Como forma de complementar este processo de socialização, compete ao profissional de educação a função e o propósito de educar, permitindo que o aluno cresça e se forme enquanto futuro cidadão pois é fulcral “aprender a Ser, para desenvolver, o melhor possível, a personalidade e estar em condições de agir com uma capacidade cada vez maior de autonomia, discernimento e responsabilidade pessoal. Com essa finalidade, a educação deve levar em consideração todas as potencialidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas, aptidão para comunicar” (Delors, 2010, p. 31).

Marques (2002, p. 12), legou-nos o seu testemunho no que concerne a esta temática consignando que “a Educação para a Cidadania visa desenvolver, nos alunos, atitudes de autoestima, respeito mútuo e regras de convivência que conduzam à formação de cidadãos solidários, autónomos, participativos e civicamente responsáveis”, sendo que assim, abre-se um caminho promotor de oportunidades para que os alunos se proponham a ser indivíduos críticos e conscientes do seu papel e da sua intervenção social. Isto vem conferir ao termo cidadania, a constituição e representação de um “modo de ser, uma implicação pessoal. Uma construção do mundo e da sociedade” (Gonçalves, 2008, p. 267).

Em suma, e citando Gonçalves (2008, p. 270), “educar para a cidadania é, portanto, possibilitar o acesso de todos aos bens culturais da nossa sociedade,

desenvolver capacidades de interação e partilha e fazer germinar em cada aluno a ideia e o sentimento do que é viver em função do bem comum. Educar para a cidadania é educar para a ética, para a solidariedade, para a comunhão e para a participação”.

4. Instrumentos de Recolha de Dados

Sendo o objeto de estudo alvo desta investigação a qualidade dos professores vista pelas crianças do projeto *Arco-Íris*, recorreu-se, primordialmente, ao longo de todas as práticas pedagógicas, à observação que, segundo Trindade (2007), permite ao profissional descrever e compreender o sistema educativo. Sem se desvirtuar do procedimento previamente indicado, foi feita uma análise documental sobre a temática, sendo esta uma “fonte de informação importante no contexto de investigação, em particular da investigação em educação” (Morgado, 2012, p. 86) que tem como principal objetivo “validar evidências de outras fontes e/ou acrescentar informações (Coutinho, 2011, p.299), de forma a complementar as informações obtidas.

As informações conseguidas através da análise documental apresentaram-se bastante úteis na dissecação dos resultados obtidos no *focus group* bem como na entrevista aplicada, um outro procedimento utilizado nesta investigação. Foi elaborada uma entrevista, sendo esta uma técnica de recolha de dados que, segundo Quivy & Campenhoudt (2008, p. 190), “distingue-se da simples sondagem de opinião pelo facto de visar a verificação de hipóteses teóricas e a análise das correlações que essas hipóteses sugerem” e permite “entrar no mundo pessoal dos sujeitos e compreender os significados e os sentidos atribuídos às situações” (Morgado, 2012, p. 41).

4.1. Focus Group

Para a realização desta investigação, revelou-se importante recorrer a este estudo na medida em que, tal como referem Fabra e Doménech (2001), o *Focus Group* é um “médio privilegiado para acceder al estudio de los procesos cotidianos” não pretendendo recolher uma opinião consensual do grupo, mas sim a maior diversidade de opiniões e pontos de vista para serem posteriormente analisados.

No que concerne aos *Focus Group*, é de salientar que os trabalhos recentes no âmbito da educação têm vindo a acentuar cada vez mais a importância dos mesmos em ambientes educativos, tal como refere Santos (2011) “como uma técnica a utilizar e a desenvolver para a recolha de informação”.

Esta técnica permite aos entrevistados emitir as suas opiniões e pontos de vista de forma livre e partilhada, seguindo um guião de questões ou tópicos que auxiliam na partilha de ideias. Desta forma, os entrevistados sentem-se livres e capazes de exprimir as suas opiniões e partilhá-las com os restantes membros do *Focus Group*.

Na opinião de Ortega (2005), além de nos dar a conhecer os aspetos internos da problemática em debate, e das subjetividades partilhadas, tal conversação é feita num ambiente onde reina a autonomia, a liberdade e a reflexão crítica, que permitem integrar perspetivas individuais e coletivas.

Não obstante, esta técnica faz parte de um conjunto de metodologias de conversação baseado em grupos, com um formato característico, envolvendo normalmente grupos homogéneos.

A interação do grupo é feita com base em conversas, e decorrem normalmente em contexto de grupo, tendo um moderador, que poderá ser o investigador, que estabelece os tópicos para a discussão.

Na investigação em questão, o moderador foi um dos alunos mais velhos, para que os estudantes se sentissem totalmente livres nas suas respostas e não tivessem como moderador o próprio professor, de modo a evitar que a sua presença pudesse influenciá-los.

4.1.1. Participantes

O Focus Group levado a cabo nesta investigação foi aplicado a estudantes do 1.º e 2.º Ciclos do Ensino Básico, inscritos no Clube Arco-Íris. Foram garantidos o anonimato e a confidencialidade dos dados obtidos na mesma.

Instituição	Nível de ensino	Nº de participantes	Código
Escola do Campo 24 de Agosto	1.º ano do Ensino Básico (EB)	2	G1
Escola do Campo 24 de Agosto	2.º e 3.º ano do EB	5	G2
Escola do Campo 24 de Agosto	4.º ano do EB	4	G3
Escola do Campo 24 de Agosto e Escola Augusto Gil	4.º e 6.º ano do EB	5	G4

Tabela 2 - Participantes no Focus Group

4.2. Inquérito por Entrevista

O inquérito por entrevista é considerado uma das técnicas mais utilizadas em investigações, uma vez que permite recolher diversas opiniões relativamente a determinado tema. Geralmente, este tipo de estudo, caracteriza-se por ser “uma conversação entre duas pessoas iniciada pelo entrevistador, com o propósito específico de obter informação relevante para uma investigação” (Bisquerra citado por Morgado, 2012, p.72). Por outras palavras, um inquérito por entrevista é “uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado que tem o objectivo de extrair determinada informação do entrevistado” (Moser & Kalton citado por Bell, 1997, p.118).

Quando o investigador recorre ao inquérito por entrevista, este tem como objetivo recolher a opinião pessoal dos entrevistados relativamente a determinados tópicos ou questões selecionadas especificamente para tal investigação. O inquérito por entrevista tem como grande vantagem “a sua adaptabilidade. Um entrevistador habilidoso consegue explorar determinadas ideias, testar respostas, investigar motivos e sentimentos” (Bell, 1997, p.118). Os entrevistados terão liberdade de resposta e, deste modo, é possível captarem-se informações com carácter de congruência, autenticidade e credibilidade, estando diretamente relacionadas com os objetivos da entrevista, bem como com os objetivos de que sustentam a temática em estudo.

4.2.1. Participantes

Com o objetivo de melhor compreender a perspetiva dos professores que cooperam com a Instituição *Ajudaris*, mais precisamente, com o *Projeto Clube Arco-Íris*, foi realizada uma entrevista aos mesmos. A presente entrevista foi aplicada aos três professores que apoiam e colaboram com a iniciativa desta Associação.

Foi garantido o anonimato e confidencialidade de todos os dados recolhidos relativamente aos inquiridos.

5. Apresentação dos Dados da Investigação

5.1. Resultados do *Focus Group*

O gosto pelo Clube

Os estudantes revelaram muito gosto por pertencer a esta iniciativa e fazer parte deste Clube, a que, habitualmente, chamam de ATL. Este interesse pelo Clube verificou-se nos quatro *focus group* realizados, proferiram que “gostam de ir para o ATL”, porque consideram que “é fixe e os tratam bem” (G1). Sendo um dos grandes objetivos deste projeto o apoio às crianças, é importante que estas sintam que o facto de pertencerem a este Clube é uma mais-valia para a sua construção enquanto cidadãos e a opinião dos estudantes é que, no Clube, “os ajudam muito, sempre que precisam” (G2) e “apoiam muito, porque, quando têm trabalhos de casa, ajudam-nos a fazê-los” (G1).

De um modo geral, todos os quatro *focus group* realizados, afirmaram que “adoram estar no Clube, porque ajuda muito e porque ali são livres, amados e podem fazer muitas atividades diferentes” (G2).

Um dos outros grandes objetivos a que esta iniciativa se propõe, é instruir crianças nas quais valores como o respeito e a educação estejam particularmente desenvolvidos e interiorizados. Os estudantes sentem que “se não estivessem no clube, iam ser um bocado rebeldes mas, felizmente, caiu do céu este bom ATL” (G3), que ajuda os alunos nele integrados “a ter educação, respeito e amizade.” (G3).

Por último, é importante que as crianças sintam que o Clube as torna cidadãos mais desenvolvidas e, principalmente, que todos os estudantes participantes deste projeto sintam que, além de professores, têm amigos e confidentes e “o Clube torna-as diferentes, porque todos são como uma verdadeira família, os professores dão muito amor.” (G1) e preocupam-se muito em fazer com que as crianças evoluam e melhorem a vários níveis, pois já os fez “evoluir, aprender a conversar, a fazer contas de cabeça e muito mais” (G2). Uma das crianças, pertencente ao G2, está, neste momento, inserida na educação especial e “desde que foi para a educação especial, os professores do Clube têm dado muito mais apoio e preocupam-se muito” (G2).

O conhecimento do Clube

A grande maioria dos estudantes dos *focus*, teve conhecimento do projeto através da escola que frequentam, uma vez que a escola e a associação trabalham em parceria e, deste modo, sempre que a escola se apercebe de alguma criança que

necessite de um apoio extra, informa o seu encarregado de educação da existência do Clube, funcionando este como uma sala de estudo ou ATL, no qual é pago um valor mais reduzido do que o habitual - “O meu pai soube do Clube porque nós temos algumas dificuldades e a minha professora disse ao meu pai que existia o Clube e que eu podia vir” (G3); alguns alunos tiveram conhecimento deste projeto “através de um aluno mais velho que andava lá e falava muito bem do Clube e a encarregada de educação perguntou na escola se o aluno podia frequentar o Clube e disseram para ela ir falar na *Ajudaris*” (G2).

Os professores que mais os marcaram

À semelhança do que anteriormente já foi referido, esta investigação visa compreender o modo como os estudantes veem a qualidade na docência dos dias de hoje, os aspetos que, segundo o seu ponto de vista, fazem de cada professor, um bom ou mau docente. Segundo Afonso Mendonça Reis (2017, p.1), “os alunos, quando levados a reflectir, reconhecem a importância dos professores na sua vida. É com o que aprendem na escola e com os professores que vão poder realizar os seus sonhos: “ser professor é ser condutor de almas e de sonhos”.

No respeitante aos professores que por eles passaram ao longo dos anos e que mais os marcaram, os alunos proferiram que “a professora os ajuda muito e isso faz com que seja uma boa professora, porque ajuda a ter boas notas e se preocupa em ver sempre os trabalhos de casa, tirar as dúvidas e explicar muitas vezes as matérias” (G2).

A qualidade na docência vem ainda alicerçada à confiança que os alunos têm nos seus professores, por isso, saber que, para estas crianças, “a professora é um anjo que caiu do céu e que confiam muito nela, lhe contam tudo e ela é incapaz de contar a alguém, é ótima, alegre e nota-se que fica feliz com os seus alunos” (G3); é ter a certeza de que, para estas crianças, a qualidade na docência está claramente bem definida pois, para eles, um bom professor não é aquele que dispõe de muito tempo cronológico para os atender mas sim aquele que usufrui ao máximo do tempo de que dispõe junto deles e consegue, através do olhar, captar as necessidades dos seus alunos, apoiando-os em qualquer instância.

Uma conclusão que esta investigação permitiu retirar foi o facto de, no ponto de vista das crianças, um bom professor ser aquele que as trata bem e demonstra carinho por elas, pois têm maior tendência pelos professores que gostam deles. As crianças valorizam bastante o modo harmonioso que o professor transparece e referem bastante que quando eles se magoam, ou caem ou estão tristes, o professor, caso seja bom, acaricia-os e fá-los esquecer a dor, e para eles, “estes são os professores preferidos,

porque os ajudam a estudar, são muito boas pessoas, nota-se que gostam deles, não lhes fazem mal” (G2), “quando precisam, os professores estão lá para os ajudar” (G3), “quando se magoam, nunca falta a ajuda dos professores, eles estão sempre lá para os apoiar” (G2), “sempre que caem, a professora F ajuda-os e, quando estão tristes, ela dá-lhes colo e mima-os” (G1).

Apesar de toda esta visão dos alunos perante os professores, é importante mencionar que estes têm consciência de que, quando é necessário o docente os chamar à razão, isto não faz dele um mau professor, uma vez que “a professora F é muito fixe, não os trata mal e mesmo que os chame à atenção às vezes não faz mal, porque sabem que, de vez em quando, são uns tagarelas e doidinhos” (G4).

Uma outra característica que, segundo estes alunos, ajuda a que um docente tenha qualidade é a proximidade da sua idade e da dos seus alunos, porque “quando uma professora é mais jovem, percebe o nosso lado, as nossas maneiras de falar e, quando precisamos de desabafar alguma coisa, ela vai sempre lá fora falar individualmente, percebe as novidades perfeitamente, quando os alunos lhes contam segredos das suas vidas, eles sabem que ela nunca contará a ninguém, confiam muito nela e tudo isto a torna uma excelente professora” (G4).

É ainda notória a importância que a confiança nos professores revela para os alunos, uma vez que estes se recordam que “sempre que tinham algum problema, mesmo problemas pessoais, ela fazia de tudo para os tentar animar” (G4).

Em suma, o carinho, o apoio, a confiança, a cumplicidade, a amizade, a presença e a alegria são os aspetos fulcrais que caracterizam um bom professor aos olhos das crianças inquiridas.

Os Professores de que menos gostam

Por outro lado, segundo o ponto de vista dos alunos, um mau professor é aquele que lhes bate, não demonstra carinho nem proximidade e não aparenta estar feliz com os seus alunos, pois referiram, neste *focus group*, que “não gostaram da M, uma vez que, ao contrário de todos os professores maravilhosos, ela batia, puxava as orelhas e nunca gostaram disso” (G3), no que respeita a esta característica, verificou-se conformidade no grupo inquirido: “tiraste-me as palavras da boca, porque comigo ela fazia exatamente o mesmo, até na piscina nos puxava as orelhas, ela tentava disfarçar e fingir que gostava de nós mas não conseguia, estava sempre mal disposta, era mesmo má professora” (G2); “A fonte de energia dela era bater e notava-se que não nos queria ajudar, ainda bem que se foi embora” (G3).

Face a estes comentários e opiniões, até os mais novos teceram a sua opinião relativamente à qualidade da referida professora: “Eu não a conheci mas devia ser mesmo má professora” (G1).

O que fariam diferente se fossem professores

Na eventualidade de serem eles os professores, os alunos afirmam que “seriam simpáticos, alegres e divertidos e, por vezes, levariam gomas ou um maminho qualquer para quem se portasse bem” (G3). Através desta afirmação, pode constatar-se que a recompensa pelo bom comportamento e bons resultados escolares é um fator importante e de motivação para os alunos.

Cada vez mais se verifica que os professores lecionam as suas aulas pelo facto de serem remunerados ao final do mês e não pelo gosto de ensinar, assim sendo, cada vez há um menor acompanhamento na escola, não só a nível dos conteúdos a lecionar mas também da educação que a escola deve transmitir uma vez que, nos dias de hoje, os professores sentem que “não têm mão nos alunos” e “Professores desempoderados dificilmente geram empoderamento. (...) A autoridade do professor é a autoridade de todos nós. Hoje questionamos muito mais a autoridade, e a ideia de figuras que se respeitem independentemente do que digam e do que sejam já não existe. O professor era uma dessas figuras de autoridade” (Menezes, 2016, p.8).

A imponência e credibilidade docente têm vindo a cair em decadência pois cada vez mais os professores são desacreditados e desvalorizados perante a sociedade e, por tal, eles mesmos já não se revelam capazes de erguer essa autoridade perdida e os próprios alunos sentem-no e detêm opiniões acerca dos seus docentes, tais como: “se eu fosse professor, impunha o respeito na turma, porque hoje não há muito respeito pelos professores e os alunos podem fazer quase tudo o que querem” (G4).

O que é para eles um bom professor

Para os alunos do Clube Arco-Íris, “um bom professor não é o que dá boas notas, é o que ajuda e se preocupa” (G2), as crianças deram ainda, conforme já fora mencionado anteriormente, muita voga à relação de proximidade e de confiança acrescida que estabelecem com o docente pois referem que “para eles, um bom professor é aquele que é acessível, que fala com os alunos sobre tudo, é amigo e trata-os bem.” (G3) e quando são questionados acerca do que é para eles um bom docente, realçam novamente a autoridade que deve existir por parte do professor, uma vez que,

segundo o ponto de vista das crianças, “um bom professor é rígido, quando é preciso impor respeito ele impõe” (G4).

O que é para eles um mau professor

Para as crianças entrevistadas no *Focus Group*, um bom professor não passa por ser somente o que dá boas notas, por outro lado, um professor que dê más notas é claramente visto, por eles, como um mau professor uma vez que desacredita nos seus alunos: “eu acho que um mau professor é o que dá más notas, porque pensa que nós não conseguimos ser melhores e não tenta fazer com que melhoremos as notas” (G3).

A autoridade retoma parâmetro do *focus* uma vez que algumas crianças proferiram que “para eles, um mau professor é aquele que não impõe respeito quando é preciso e depois está sempre a ameaçar e nunca faz nada” (G4).

5.2. Resultados das Entrevistas

No respeitante às entrevistas realizadas, os professores voluntários do Clube têm, em média, 62 anos de idade e 35 anos de serviço. Um dos inquiridos trabalha como engenheiro químico, outro como engenheiro informático, estando agora reformado, e ainda um terceiro como bancário.

Os três inquiridos apoiam esta iniciativa há cerca de cinco anos e o grande interesse que os fez participar na dinâmica foi “o gosto por crianças, o gosto pelo voluntariado, pelo ensino e o gosto pela escrita.” Dois dos professores tiveram conhecimento deste voluntariado através da internet e outro através da empresa onde trabalha, uma vez que esta participa num outro projeto da associação já referido ao longo deste relatório, denominado “*Histórias da Ajudaris*”.

No que respeita à relação que a profissão exercida por cada um dos inquiridos tem com este voluntariado, num dos casos, o entrevistado diz que este interesse em nada está relacionado com a sua profissão, um outro refere que, “de certo modo sim, já que no verão dá formação e acompanha um grupo de estudantes universitários que fazem um estágio de verão na área em que trabalha” o que veio despertar o seu interesse e gosto em ensinar, apoiar e ajudar estudantes, um outro professor referiu na sua entrevista que sim, a sua profissão está relacionada com este interesse, uma vez que já foi “professor de ensino público e privado e deu formação profissional”.

Relativamente ao impacto que a dinâmica desenvolvida no clube *Arco-Íris* tem na vida de cada criança enquanto cidadã, os inquiridos consideram que é desenvolvida uma dinâmica excelente e que “sem dúvida as crianças melhoraram bastante pois, com

cinco anos, já foi possível ver uma grande evolução” e consideram ainda que os professores voluntários que acompanham os alunos do clube são capazes de o fazer com qualidade, embora afirmem não conhecer o trabalho de todos os professores, os que conhecem “parecem ser suficientemente capazes para o nível necessário”.

No respeitante à qualidade docente, as opiniões foram diversas, sendo que “uma é fundamental, a aptidão para ensinar”, outra também bastante relevante é ter “muita paciência, nunca desistir de apoiar um aluno mesmo que pareça desinteressado” e ainda “ter bons conhecimentos técnicos, empenhar-se na melhoria contínua do seu conhecimento, ter boa capacidade de comunicação e boa capacidade de relacionamento interpessoal, nomeadamente capacidade para incentivar e motivar os alunos”.

Contrariamente aos aspetos anteriormente destacados, um mau docente é, segundo o ponto de vista dos professores inquiridos, “aquele que não consegue ter uma perspetiva sobre cada aluno. Se tenho 30 alunos, são todos diferentes, um mau docente não consegue fazer esta engrenagem social nos jovens”, uma outra característica que vem denegrir a postura profissional dos docentes é o facto de “considerarem que um aluno “não chega lá” e fazerem-no desacreditar de si mesmo, acabando por desistir daquele aluno, tomando-o como um caso perdido”, também “a prepotência, o desinteresse e ausência de competências técnicas e humanas” acabam por prejudicar a qualidade na docência.

Até aos dias de hoje, a docência tem vindo a perder qualidades “porque o ensino desde o 25 de abril nunca estabilizou, de ano para ano modificam tudo, há falta de estabilidade na educação, os docentes deviam ser vistos como primeiro plano e não segundo. Os livros não são adequados, são muito pouco adequados tendo em conta o desenvolvimento intelectual da criança. Foi gasto muito dinheiro em escolas e muitas delas estão paradas sem condições, porque o dinheiro não foi bem distribuído”.

Em suma, “só se concebe educação quando se reúnem todas as condições necessárias para aí passar as responsabilidades aos pais, uma vez que a escola é somente um suporte”, segundo a opinião de um outro professor entrevistado, todo o segredo da qualidade na docência está no gosto pela arte que reproduz, uma vez que “o gosto em ensinar faz os professores ultrapassarem as dificuldades criadas pelo comportamento dos alunos, o elevado número de alunos por sala, a insegurança no trabalho. Pontualmente vamos sempre encontrar muitas dificuldades, contudo, a estatística diz-nos que o nível de conhecimentos adquiridos pelos alunos está a melhorar” e esta esperança e creditação na docência deve ser mantida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste relatório, é possível concluir que o objetivo desta investigação, ou seja, perceber de que modo os estudantes envolvidos no Clube *Arco-Íris* da associação *Ajudaris*, perspetivam a qualidade da docência, foi cumprido conforme as diretrizes estipuladas e planificadas, desde o início da realização desde estudo.

É de realçar a construção de um quadro teórico com as abordagens aos temas da qualidade na docência e, por conseguinte, qualidade do bom docente, educação para a cidadania, programas e projetos que propiciam uma mais acrescida qualidade dos docentes atuais, bem como uma abordagem aos projetos desenvolvidos pela associação em estudo, a associação *Ajudaris*, focalizando esta investigação no projeto *Clube Arco-Íris*.

Seguidamente, foi compreendido o modo como estas temáticas estão implícitas nos direitos humanos e das crianças, bem como nos documentos legais inerentes a esta temática pois “pretende-se, assim, sensibilizar alunos e professores para uma compreensão e participação mais consciente na sociedade, questionando comportamentos, atitudes e valores” (Ministério da Educação, 2001, p. 10).

Deste modo, foi perceptível a importância que é dada ao ensino e a preocupação que existe em promover melhoria na qualidade do atual ensino e atuais professores. Segundo o ME, Decreto-lei 46/86, de 14 de outubro, “todos os portugueses têm direito à educação e à cultura” (Artigo 2º, nº1, p.3068).

Assim sendo, é fulcral que as crianças possam usufruir deste seu direito do modo mais correto possível sendo que, se é um direito que lhes assiste, então têm também o direito a uma educação preocupada, exigente e atenta a cada um, uma vez que a escola não é somente uma instituição onde se incutem dogmas e se cumprem programas estipulados pelo ministério, a escola é um local onde se vinculam relações, criam laços, promovem aprendizagens para a vida, desenvolvem os primeiros contactos com a vida em sociedade e, mais importante que tudo, é na escola que muitas das crianças do nosso país encontram a sua casa e família devido às situações económicas e sociais frágeis em que vivem e

nenhum ser humano pode viver sozinho, fora de qualquer comunidade. Pertencer a grupos sociais, da família à sociedade planetária, é um princípio não apenas da nossa sobrevivência material, mas também da nossa identidade, do nosso desenvolvimento intelectual, do nosso equilíbrio afetivo (Perrenoud citado por Simão, 2010, p. 95).

por isso, é importante que toda a comunidade educativa presente em cada escola esteja ao alcance das suas crianças e lhes prestem os devidos serviços.

Tendo em conta o anteriormente supracitado, revelou-se importante direcionar o presente relatório para as crianças inseridas no projeto do Clube *Arco-Íris* e compreender o modo como estas veem o seu ensino e os professores que os acompanham.

Para que as crianças sejam cidadãos conscientes e ativos numa sociedade e possam refletir acerca dos seus professores, é necessário que estes tenham conhecimento dos seus direitos e deveres, enquanto crianças e como seres humanos, e, neste sentido, foi fulcral realizar, no âmbito da presente investigação, uma pesquisa teórica acerca da cidadania e valores uma vez que o projeto da associação *Ajudaris* abordado está intimamente relacionado com a cidadania e, como refere Gonçalves (2008, p. 266), “a educação para a Cidadania, ao pretender influir nas mentalidades e nos comportamentos, deve possibilitar aos indivíduos a consciência dos seus direitos e deveres”.

No respeitante à concretização dos objetivos inicialmente estabelecidos, estes foram cumpridos devidamente e permitiram alcançar as metas a que esta investigação se propôs.

Relativamente aos resultados obtidos no *Focus Group* e nas entrevistas, é possível constatar que uma opinião considerada fundamental está referida em todos os métodos investigativos levados a cabo na presente investigação. Todos os inquiridos, alunos e professores, demonstram acreditar que, apesar de ter sofrido alguma decadência, há esperança na docência e esta tem ainda professores dotados de muita qualidade e capacidade de fazer melhor e diferente. É importante que pensem deste modo e acreditem na possibilidade de melhoria na educação, se os professores não forem desacreditados pela sociedade, mais facilmente surgirão melhorias na educação.

É ainda importante referir que, das entrevistas realizadas, salienta-se o modo de pensar das crianças pois, de forma geral, tendo em conta os vários grupos inquiridos, as crianças referiram consciência de que “um bom professor não é o que dá boas notas, é o que ajuda se preocupa” (G2) com os seus alunos a vários níveis, entre eles, o apoio ao contexto pessoal. Apesar disto, também foi geral a opinião de que um professor que dê más notas é, para eles, sem dúvida alguma um mau professor. Segundo os alunos participantes nesta investigação, os professores não são maus por darem más notas mas sim porque “pensam que nós não conseguimos ser melhores” (G3).

Contrariamente a esta visão dos alunos, temos o ponto de vista dos adultos que defendem que um bom professor é que olha a sua turma e consegue ver a especificidade cada aluno e um mau docente é “aquele que não consegue ter uma perspetiva sobre cada aluno. Se tenho 30 alunos, são todos diferentes” (Anexo IV), existem pedagogias de ação a trabalhar em concordância com esta preocupação por

atentar a cada aluno como um único dotado da sua inteligência e do seu ritmo de aprendizagem. É o caso da educação jesuíta que

está efetivamente ao serviço do processo de aprendizagem que é necessariamente personalizado, diverso, experiencial, motivador e compreensivo/apropriado por quem o vive, implicando diferentes itinerários da viagem do aprender, respeitando, deste modo, o ritmo de cada um(a) e as inteligências múltiplas (Gonçalves, 2017, p.29).

Deve ainda referir-se neste percurso investigativo que o elevado número de alunos por sala, dificuldade referido por um dos entrevistados, não é nem pode ser visto como um impedimento à educação, pois já existem projetos inovadores em ação que visam o trabalho com um maior número de alunos em simultâneo e tais projetos têm atingido resultados bastante positivos na docência. A este propósito, voltamos a referir a educação Jesuíta, projeto que se preocupa com a escola do século XXI no qual

a unidade turma de 20 ou 30 alunos perde relevância e deixa de ser a única unidade de referência organizadora. Como vimos, podemos ter na maior parte do tempo semanal grandes grupos de 50 a 60 alunos. As interações são por isso muito maiores e mais ricas. As oportunidades de encontro e de interconhecimento elevam-se (Alves e Cabral, 2017, p.8).

Em suma, revelou-se bastante importante a investigação levada a cabo na realização deste relatório, na medida em que foi possível constatar o que pensam as crianças envolvidas neste contexto e comparar os seus pontos de vista com um olhar adulto face à mesma temática.

Como linha futura de investigação, é pretensão alargar a pesquisa a outras instituições e perceber se o modo como pensam essas crianças vai ao encontro da reflexão das crianças da *Ajudaris*. Seria ainda interessante auscultar as opiniões dos pais dos alunos, implicados na investigação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2010). *Disciplina na sala de aula – Um guia prático de boas práticas*, Lisboa: Edições Sílabo.
- Aires, L. (2011). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta.
- Alarcão I. (2001). *Novas tendências nos paradigmas de investigação em educação*. Alarcão (org.), Escola reflexiva e nova racionalidade. Porto Alegre: Artmed.
- Alves, M. J. e Cabral, I, (2017). *Uma outra escola é possível – Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico*. Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação – Um guia para a pesquisa em ciências sociais e da educação*. Lisboa: Gradiva.
- Boruchovitch, E., Bzuneck, J., Guimarães, S. É. R. (2010). *Motivação para aprender: Aplicações no contexto educativo*, Petrópolis: Editora Vozes.
- Bodgan, R. & Biklen, S. (2010). *Investigação qualitativa em educação – Uma introdução à teoria e aos métodos*, Porto: Porto Editora.
- Cabanas, J. M. Q. (2002) *Teoria da educação - Concepção antinómica da educação*, Porto: Edições ASA.
- Campos, B. P. (2001) *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*, Porto: Porto Editora.
- Cardoso, R. J. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa; Guerra e Paz.
- Delors, J. [et al.] (2010). *Um tesouro a descobrir*. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI. Brasília: Setor de Educação da Representação para a UNESCO no Brasil.
- Duarte, A. (2012). *Aprender melhor - aumentar o sucesso e a qualidade da aprendizagem*. Lisboa: Escolar Editora.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas práticas na educação – O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. T. (2010). *Profissão Docente. Dimensões Afetivas e Éticas*. Porto: Areal Editores.
- Fabra, M. L. e Domenèch, M. (2001). *Hablar y Escuchar*. Barcelona: Paidós.
- Flores, M. & Coutinho, C. (2014). *Formação e trabalho docente – tendências e desafios atuais*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Fonseca, A. (2001). Modos de organização do estudo para alunos com dificuldades de aprendizagem. *O Professor, III série, n.º72*.

- Formosinho, J. (1991). *A Igualdade em Educação* in *A Construção Social da Educação Escolar*, Rio Tinto: Edições ASA/ Clube do Professor.
- Freire, P. (1975). *A pedagogia do oprimido*. Porto: Edições Afrontamento
- Fullan, M. & Hargreaves, A. (2000). *A escola como organização aprendente: buscando uma educação de qualidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Gauthier, C., Bissonnette, S., Richard, M. (2013). *Enseignement explicite et réussite des élèves. La gestion des apprentissages*. Pearson: Québec.
- Gonçalves, D. (2006). Da inquietude ao conhecimento. *Saber(e)Educar*. Porto: ESE de Paula Frassinetti, p.101-109.
- Gonçalves, D. (2008). *Finalidades da Educação para a Cidadania. Cidadania(s): Discursos e Práticas/Actas do Congresso Internacional*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Gonçalves, D. (2017). Col·legi Mare de Déu dels Àngels: (Trans)Formação educativa ao serviço da condição Humana. In J. Alves & I. Cabral (Orgs.), *Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico* (pp. 29-38). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Gouveia, J. (2007). *Métodos, técnicas e jogos pedagógicos*. Braga: Exponente.
- Haigh, A. (2010). *A arte de ensinar: Grandes ideias, regras simples*. Alfragide: Academia do Livro.
- Hargreaves, A. (2003). *O ensino da sociedade do conhecimento – a educação na era da insegurança*. Porto: Porto Editora.
- Harlen, W. & Qualter, A. (2006). *The teaching of science in primary schools*. London: FISH Books.
- Jeremias, F. (2016). *Como ajudar a construir um novo espaço de aprendizagem?* Consultado em 12/06/2017, disponível em: <http://sm.v2.vectweb.pt/media/116/File/Parceria%20divulgac%CC%A7a%CC%83o%20oficinas.pdf>
- Leite, C. & Rodrigues, M. (2002). *Contar um conto, acrescentar um ponto: Uma abordagem intercultural na análise de literatura para a Infância*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Lopes, J., Silva, H. (2010). *O professor faz a diferença*, Lisboa: Lidel Edições.
- Ministério da Educação (2001). *Direitos Humanos – Guia anotado de recursos*. Lisboa.
- Menezes, I. (2016). Professores desempoderados dificilmente geram empoderamento. *A Página da educação*, série II n.º 207, 6-13.
- Marques, R. (2002). *Valores Éticos e Cidadania na Escola*. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, A. (1993). *Insucesso Escolar e apoio Sócio-Educativo*. Aveiro: Universidade de Aveiro.

- Morgado, J. (2012). *O estudo de caso na investigação em educação*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Oliveira-Martins, G. (1992). Europa - *Unidade e diversidade, educação e cidadania*. Colóquio de Educação e Sociedade, pp. 41-60.
- Ortega, M. (2005). *El grupo de discusión. Una herramienta para la investigación cualitativa*. Barcelona: Laertes.
- Pardal, L. & Lopes, E. (2011). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Pinto, M. (2017). Col·legi Montserrat | Atrair o Futuro para o Presente – Inovação e Mudança. In J. Alves & I. Cabral (Orgs.), *Uma Outra Escola é Possível - Mudar as regras da gramática escolar e os modos de trabalho pedagógico* (pp. 39-47). Porto: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa.
- Ponte, J. (2008). *Investigar a nossa própria prática: uma estratégia de formação e de construção do conhecimento profissional*. Lisboa: APM.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rangel, A. (1994). Horizontes Pedagógicos. Instituto Piaget. Research and Development in Education, *Insucesso escolar* (pp.20).
- Reboul, O. (2000). *A filosofia da educação*, Lisboa: Edições 70.
- Robinson, K. (2010). *O elemento*, Porto: Porto Editora.
- Rocha, F. (1996). *Educar em Valores*. Aveiro: Estante Editora.
- Sá-Chaves, I. (2014). *Educar, Investigar e Formar – Novos Saberes*. UA Editora.
- Santos, A. (2016). *A Gestão do tempo nos tempos educativos do 1.º ciclo do ensino básico*, *Saber(e)Educar*, n.º21, p. 53.
- Santos, M. C. (2011). *A escola não tem nada a ver*. Rio Tinto: Lugar da Palavra Editora.
- Simão, A. [et. al.] (2010). *Psicologia da Educação: Temas de Desenvolvimento, Aprendizagem e Ensino*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Trindade, V. (2007). *Práticas de formação. Métodos e técnicas de observação, orientação e avaliação*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vasconcelos, T. (2007). *A importância da educação na construção da cidadania* in *Saber(e)Educar* nº11. Porto: ESE de Paula Frassinetti.
- Vieira, C. & Vieira, R. (2005). *Estratégias de ensino/aprendizagem*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos/Instituto Piaget.

Webgrafia

- Afonso Mendonça Reis (2017). *A relação professor-aluno é uma escola para a vida*. Consultado em 07/06/2017, disponível em <http://observador.pt/opiniaio/a-relacao-professor-aluno-e-uma-escola-para-a-vida/>
- Alfredo Hernando (2014). *Escuela21*. Consultado em 15/04/2017, disponível em <http://www.escuela21.org/reggio-emilia-y-la-conquista-del-espacio-educativo/>
- Education Policy Outlook (2015). OCDE. Consultado em 04/06/2016, disponível em <http://dx.doi.org/10.1787/852022b2-pt>
- Direção Geral de Educação (2017). *Ambientes Educativos Inovadores*. Consultado em 03/05/2017, disponível em <http://erte.dge.mec.pt/ambientes-educativos-inovadores>.
- UNICEF (1959). *Declaração Universal dos Direitos das Crianças*. Consultado em 23/06/2016, disponível em <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/onu-proteccao-dh/orgaos-onu-estudos-ca-dc.html#IA>
- <http://www.fje.edu/es/la-fundacion-iesuitas-educacion/quienes-somos>. Consultado em 20/01/2017
- <http://educacaointegral.org.br/experiencias/escola-da-ponte-radicaliza-ideia-de-autonomia-dos-estudantes/>. Consultado em 24/01/2017
- <http://www.soescola.com/2017/01/como-ser-um-bom-professor-por-mario-sergio-cortella.html>
Consultado em 26/01/2017

Legislação

- Ministério da Educação, Decreto-lei nº46/86 de 14 de outubro
- Ministério da Educação, Decreto-lei nº241/2001 de 30 de agosto
- Ministério da Educação e Ciência, Decreto-lei nº 51/2012 de 5 de setembro
- Ministério da Educação e Ciência (2012), Decreto-Lei nº 51/2012. Diário da República, 1ª Série – A, nº 172 – 5 de Setembro de 2012
- Ministério da Educação e Ciência (2013), Despacho nº 5048-B/2013. Diário da República, 2ª Série, Nº 72 – 12 de Abril de 2013
- Declaração dos Direitos das Crianças (1959), Princípio 7.º.
- Resolução do Conselho de Ministros de 10 de Dezembro de 1987, in Diário da República, II série, nº 17, de 21 de Janeiro de 1988, pp. 537-542.

Anexos

Anexo I – Guião do *Focus Group*

Este *Focus Group* destina-se aos estudantes do 1.º CEB inscritos no Clube *Arco-Íris*.

No sentido de finalizar o meu percurso académico, estou a implementar uma investigação que tem como grande finalidade perceber qual a perspetiva das crianças do Clube acerca da qualidade na docência.

A vossa colaboração nesta investigação é fundamental e o conteúdo do *focus group* é objeto de análise. O anonimato e a confidencialidade são garantidos.

Grata pela vossa colaboração!

Nome:

Idade:

1. Há quanto tempo estão no Clube?
2. Têm ou já tiveram irmãos no Clube?
3. Sabem como é que os vossos pais ou encarregados de educação tiveram conhecimento do Clube?
4. Gostam de aqui estar? Porquê?
5. Em que aspetos é que o Clube vos ajuda enquanto alunos?
6. Acham que se não estivessem no Clube eram iguais ao que são agora? Se não, em que aspetos acham que seriam diferentes?
7. As professoras aqui no Clube ajudam-vos quando têm mais dificuldades? E os colegas também ajudam?
8. E na escola, acham que os professores vos ajudam?
9. Sabem-me dizer, desde o 1º ano, quais foram os professores de que mais gostaram?
10. Por que é que esses foram os vossos professores preferidos?
11. E aqueles de que não gostavam tanto, por que é que não eram tanto do vosso agrado?

12. Se vocês agora fossem professores da vossa turma, o que fariam diferente?

13. O que é, para vocês, um bom professor? É aquele que dá boas notas?

14. E um mau professor? É o que dá más notas?

Anexo II – Guião da Entrevista

Esta entrevista destina-se aos professores Voluntários do Clube Arco-Íris

No sentido de finalizar o meu percurso académico, estou a implementar uma investigação que tem como grande finalidade perceber qual a perspetiva dos professores voluntários do Clube acerca da qualidade na docência.

A vossa colaboração nesta investigação é fundamental e o conteúdo da entrevista é objeto de análise. O anonimato e a confidencialidade são garantidos.

Grata pela vossa colaboração!

Nome:

Idade:

Profissão que exerceu/exerce:

Anos de serviço:

1. Há quanto tempo está no Clube?

2. Como teve conhecimento do Clube?

3. O que o fez interessar-se pela dinâmica do Clube?

4. A sua profissão está relacionada com este interesse?

5. O que acha da dinâmica do Clube?

6. Considera que as crianças melhoraram enquanto alunas e cidadãos com o apoio recebido no Clube?

7. Os professores voluntários que dão apoio ao Clube, são, na sua opinião, capazes para o fazer com qualidade?

8. Segundo o seu ponto de vista, que características considera que deve ter um bom docente?
9. E o que faz de um docente, um mau docente?
10. Considera que, nos dias de hoje, existe qualidade na docência?
11. Se sim, porquê? / Se não, porquê?

Anexo III – Entrevista aplicada ao Professor M

Nome: M.F.

Idade: 63 anos

Profissão que exerceu/exerce: Engenharia Informática (reformado)

Anos de serviço: 32 anos

1. Há quanto tempo está no Clube? Desde o início, primeiro apoiando um só aluno e, mais tarde, o grupo todo.
2. Como teve conhecimento do Clube? A partir da internet, por um *site* de voluntariado.
6. O que o fez interessar-se pela dinâmica do Clube? O apoio que o Clube dá a crianças e a envolvência dos voluntários.
4. A sua profissão está relacionada com este interesse? Não.
5. O que acha da dinâmica do Clube? Considero uma dinâmica bastante elevada.
6. Considera que as crianças melhoraram enquanto alunas e cidadãs com o apoio recebido no Clube? Sem dúvida.

7. Os professores voluntários que dão apoio ao Clube, são, na sua opinião, capazes para o fazer com qualidade? Só conheço alguns e esses parecem-me suficientemente capazes para o nível necessário.

8. Segundo o seu ponto de vista, que características considera que deve ter um bom docente? Muita paciência, nunca desistir de apoiar um aluno mesmo que pareça desinteressado. Os conhecimentos são secundários.

9. E o que faz de um docente, um mau docente? Achar que um aluno não é capaz e desistir de o apoiar.

10. Considera que, nos dias de hoje, existe qualidade na docência? Esta pergunta daria um longo debate mas creio que há.

11. Se sim, porquê? / Se não, porquê? O gosto em ensinar faz os professores ultrapassarem as dificuldades criadas pelo comportamento dos alunos, o elevado número de alunos por sala e a insegurança no trabalho. Pontualmente vamos sempre encontrar muitas dificuldades mas a estatística diz-nos que o nível de conhecimentos adquiridos pelos alunos está a melhorar.

Anexo IV – Entrevista aplicada ao Professor C

Nome: C.F.

Idade: 64 anos.

Profissão que exerceu/exerce: Engenheiro Químico.

Anos de serviço: 39 anos.

1. Há quanto tempo está no Clube? 5 anos.

2. Como teve conhecimento do Clube? Através da Internet.

3. O que o fez interessar-se pela dinâmica do Clube? O gosto pelo ensino de crianças.

4. A sua profissão está relacionada com este interesse? Sim, porque já fui professor de ensino público e privado e dei formação profissional.

5. O que acha da dinâmica do Clube? Considero que há uma dinâmica excelente.

6. Considera que as crianças melhoraram enquanto alunas e cidadãs com o apoio recebido no Clube? Sim, com 5 anos já me é possível ver a evolução.

7. Os professores voluntários que dão apoio ao Clube, são, na sua opinião, capazes para o fazer com qualidade? Sim, se currículo específico mas sim.

8. Segundo o seu ponto de vista, que características considera que deve ter um bom docente? Uma é fundamental, a aptidão para ensinar e quem não possui esta aptidão não é capaz de ensinar, contudo, eu considero que tenho vocação para ensinar.

9. E o que faz de um docente, um mau docente? É aquele que não consegue ter uma perspetiva sobre cada aluno, se tenho 30 alunos, são todos diferentes. Um mau docente não consegue fazer esta engrenagem social no jovens.

10. Considera que, nos dias de hoje, existe qualidade na docência? Não existe qualidade na docência, porque o ensino desde o 25 de abril nunca estabilizou, de ano para ano modificam tudo. Há falta de estabilidade na educação. Os docentes deviam ser vistos como 1.º plano e não como segundo. Os livros não são adequados, são pouco adequados tendo em conta o desenvolvimento intelectual da criança.

Gastou-se muito dinheiro em escolas e muitas estão fechadas sem condições. Não há uniformidade a nível global nas escolas.

Só se concebe educação quando se reúnem todas as condições necessárias para aí passar as responsabilidades aos pais pois a escola é apenas um suporte.

11. Se sim, porquê? / Se não, porquê? Já foi respondido na questão anterior.

Anexo V – Entrevista aplicada à Professora I.M.

Nome: I.M.

Idade: 60 anos

Profissão que exerceu/exerce: Bancária – Técnica do departamento de Estatística

Anos de serviço: 35 anos

1. Há quanto tempo está no Clube? 3 anos.

2. Como teve conhecimento do Clube? Através da empresa onde trabalho que participou/a no projeto “Histórias da *Ajudaris*”.

3. O que o fez interessar-se pela dinâmica do Clube? O gosto pelo voluntariado, pelo ensino e o gosto pela escrita.
4. A sua profissão está relacionada com este interesse? De certo modo sim, já que no Verão dou formação e acompanho um grupo de estudantes universitários que fazem um estágio de Verão na área em que trabalho.
5. O que acha da dinâmica do Clube? Considero uma boa dinâmica.
6. Considera que as crianças melhoraram enquanto alunas e cidadãs com o apoio recebido no Clube? Sim.
7. Os professores voluntários que dão apoio ao Clube, são, na sua opinião, capazes para o fazer com qualidade? Não conheço todos mas acredito que sim.
8. Segundo o seu ponto de vista, que características considera que deve ter um bom docente? Ter bons conhecimentos técnicos, empenhar-se na melhoria contínua do seu conhecimento, ter boa capacidade de comunicação e boa capacidade de relacionamento interpessoal nomeadamente capacidade para incentivar e motivar os alunos.
9. E o que faz de um docente, um mau docente? A prepotência, o desinteresse e ausência de competências técnicas e humanas.
10. Considera que, nos dias de hoje, existe qualidade na docência? Não tenho dados suficientes para emitir opinião fidedigna, porque profissionalmente não estou nesse meio e já não tenho filhos em idade escolar.
11. Se sim, porquê? / Se não, porquê? Já foi respondido na questão anterior.